

Género: Contos

Subgênero

Contos de animais

ATU 9, *The Unjust Partner/ A Sócia Injusta* + ATU 223, *The Bird and the Jackal/ A Barrigada de Comida e a Barrigada de Riso*

Lado B

Cassete nº1/2003/Anabela Frade

Classificação: Conto de animais

Título: [A raposa e a cotovia]

Informante: Maria José

Idade: 64 anos

Naturalidade: Ameixial, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Toda a sua vida foi doméstica

Habilitações literárias: Tem o quarto ano de escolaridade

Local da recolha: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 05/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

Era uma vez uma raposa e uma cotovia. Depois, depois, trabalhavam juntas, engordavam um porco de meias, faziam sementeira de meias, semeavam o trigo, essa coisa. E, depois, foi no tempo da ceifa, diz a raposa assim para a cotovia:

- Olhe, comadre! Estou convidada para ir a um batizado amanhã.

Diz ela:

- Pois, vá comadre.

Bom, ela foi e a cotovia foi ceifar. Depois, quando veio à noite, diz-lhe a cotovia:

- Então! Como se chama o afilhado, comadre?

Diz a raposa:

- Olhe, comadre! Chama-se: principiou-se. [Principiou-se? – Pergunta a coletora].
Principiou-se. E olhe, comadre! E amanhã estou convidada para outro batizado.

- Pois, vá comadre.

Bom! No outro dia, ela foi. Quando veio de lá, diz-lhe a cotovia:

- Como se chama o afilhado, comadre?

Diz ela:

- Olhe! Chama-se: em meio estará.

E a cotovia vá de ceifar.

Diz ela:

- Olhe, comadre! E amanhã estou convidada para outro batizado.

- Bom... Pois, vá comadre.

Ela foi. Quando veio de lá à noite, diz-lhe a cotovia:

- Então, comadre! Como é que se chama o afilhado?

- Olhe, comadre! Chama-se: já se acabou.

Que era, então, a panela da banha, tinham matado o porco, tinham feito a banha, que era a panela da banha que ela tinha acabado. [Risos]

Depois... foi enquanto a cotovia ceifou a seara. Depois, diz ela assim para a cotovia:

- Olhe, comadre! Já se acabou a ceifa, agora eu fico com o grão e a comadre cotovia fica com a palha para fazer o ninho.

Ora, a cotovia coitada, vá de chorar, vá de chorar, ia por um caminho adiante, chorando, encontrou um cão. Diz o cão:

- Ah! Então que choras cotovia?

- Então não hei de chorar, se eu fazia sementeira com a minha comadre raposa e matávamos o porco de meias, agora ela comeu-me a banha toda e eu é que ceifei a seara e, agora, diz-me que eu fique com a palha e ela fica com o grão. Eu fico com a palha para fazer o ninho.

Diz-lhe ele:

- Olha, não te preocupes com isso. Tu dás-me três barrigadas e eu ponho com a raposa de lá para fora e tu ficas com tudo. Olha, dás-me uma barrigada de comer, outra de rir e outra de fugir.

Bom! Diz ela:

- Está bem.

O cão foi, ela... Ia uma mulher levar o almoço ao marido, que andava no trabalho. A cotovia foi, vá de poisar em cima do, do almoço, que ela levava em cima, à cabeça. Vá de poisar em cima do almoço. Ela, a mulher, jogava a mão a ver se apanhava a cotovia. Não a dava apanhada. Foi, foi, foi, até que jogou a mão duma maneira, deitou com o almoço abaixo. Já não ficou capaz de ela o levar para o marido. O cão foi, apanhou uma barrigada, que eu sei lá!

Depois foi, estava um sapateiro fazendo sapatos e estava batendo a sola. Noutro tempo, batiam a sola muito bem. Estava batendo a sola e conforme ela ia, poisava-lhe na

cabeça e ele jogava o martelo à cabeça, para ver se caçava a cotovia. E o cão vá de rir, pois, se ele batia era na cabeça, não era na cotovia. Foi uma barrigada de rir. [Risos]

Bom! No outro dia, ele vai e deitou-se lá no palheiro e com umas ameixas ali ao pé, que as raposas (que gostam muito de ameixas). Ora! Ela foi, viu as ameixas, ele enterrou-se em palha, ela viu as ameixas, vai para ir às ameixas, o cão salta de lá. Oh!!! Deu-lhe uma corrida que nunca mais ela ali apareceu.

E a cotovia ficou com tudo, pois... e acabou-se a história. [Risos]

ATU 62, *Peace Among the Animals: The Fox and the Rooster/ A Paz Entre os Animais: a Raposa e o Galo* + ATU 2 A, *Torn-off Tails/ As Caudas Cortadas*

Lado A/ B

Cassete nº1/2003/Anabela Frade

Classificação: Conto de animais

Título: [O galo e a raposa]

Informante: Maria José

Idade: 64 anos

Naturalidade: Ameixial, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Toda a sua vida foi doméstica

Habilitações literárias: Tem o quarto ano de escolaridade

Local da recolha: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 05/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

Então vamos lá a ver. Era uma vez um galo e uma raposa. Depois... o galo estava em cima de uma parreira e a raposa foi de baixo da parreira e dizia-lhe assim:

- Ó compadre galo, venha cá para baixo, veio agora uma lei de os bichinhos não fazerem mal uns aos outros.

Mas o galo era esperto, jogou uma folha de parreira para baixo, assim ela correu logo à folha de parreira. E ele pensou: “olha lá, se eu é que tenho ido no lugar da folha...!”

Lá esteve um pouco, diz-lhe assim:

- Ó comadre raposa, olhe, soam aí tiros, vêm aí caçadores.

Diz ela:

- De onde vêm eles, compadre?

Ele disse-lhe o contrário. Se eles iam para baixo, ele disse que eles iam para cima.

Ela fugiu, foi-se encontrar com os caçadores. Depois, os cães correram-lhe atrás, ela correu para o lado do covil, mas o cão ainda a apanhou, ainda apanhou-lhe o rabo, ainda lhe mordeu.

Ela depois meteu-se dentro do covil e o cão já não pôde fazer mais nada. Quando saiu de lá... Quando ela pensou que o cão já não estava lá, disse assim (isto era no tempo em que os animais falavam) [Risos], disse assim:

- Ah, rabo, rabão, se não fosse este rabo, rabão, não me tinha apanhado o cão! Vá com este rabo, rabão lá para fora.

Ora! O cão estava ainda lá, jogou-se-lhe ao rabo, ficou rabina (sem rabo).

Pensa ela assim... (Depois os cães viam-na, corriam já sempre atrás, conheciam-na). Pensa ela: “o que é que eu hei de fazer agora para os cães não me conhecerem?”

Combinou com as colegas dela, as colegas raposas, para fazerem um baile. Lá combinaram o lugar onde se haviam de juntar. Juntaram-se, quando estavam todas juntas, diz ela:

- Bom! Pois vamos lá agora, eu ato-as todas, o rabo de todas umas às outras.

Pô-las assim todas em volta com o rabo voltado umas para as outras. Atou-as... ataram os rabos todas umas às outras. Ela atou o rabo das outras. Quando viu que elas estavam já muito bem atadas, diz ela assim:

- Ai! Soam aí tiros, vêm aí caçadores!

Dizem elas para ela:

- Ai! Desata lá a gente.

Diz ela assim:

- Já não há vagar. Olha! Cada uma safe-se por onde poder.
- Cortaram os rabos todos. Ficaram todas rabinas e, depois, os cães já não sabiam qual ela era, pois.

ATU 106, *Animals' Conversation/ As Vozes dos Animais*

Lado A

Cassete nº4/2003/Elisabete Reis

Classificação: Conto de animais

Título: [O cuco]

Informante: Silvina Porfírio da Costa

Idade: 83 anos

Naturalidade: Sítio do Malhão, concelho de Tavira, distrito de Faro

Profissão: Trabalhou na agricultura

Habilitações literárias: Frequentou a escola e fez o exame da 3ª classe

Aprendeu com as primas

Recitava-se quando estavam reunidas umas com as outras

Local da recolha: Recolha feita no Sítio da Asseca, concelho de Tavira, distrito de Faro

Data da recolha: 27/01/2003

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

- Ó cuco, em que mês [nós] estamos?
- Estamos em Abril meu amiguinho. É neste mês que eu chego à tua terra.
- E donde vieste?
- De muito longe de um lugar onde há mais calor. A tua terra é muito linda, mas eu não gosto do frio e quando chega o Inverno fujo com os meus filhos e os meus companheiros e só volto com eles no outro ano.
- Ó cuco, já fizeste o teu ninho?
- Verdade, verdade eu não faço ninho.
- Onde põe a tua companheira os ovos?
- Pois não sabes?
- Nós não temos vagar para fazer ninho nem para chocar os ovos. Todo o tempo é pouco para cantar, caçar lagartos, mosquinhas pequenas e cantar. Deixamos os ovos no ninho das outras aves e elas chocam-nos e dão de comer aos nossos filhinhos.
- Ó cuco, então és preguiçoso?

- Chama-me o que quiseres! Cucu! Cucu!

ATU 122 A, *The Wolf (Fox) Seeks Breakfast/ O Lobo Busca o Pequeno-almoço*

Lado A

Cassete nº1/2004/Cláudia Santos

Classificação: Conto de Animais

Título: O lobo asno

Informante: Maria Luísa do Carmo Madeira

Idade: 74 anos (1930)

Naturalidade: Manta Rota, concelho de Vila Real S. António, distrito de Faro

[Profissão: A informante trabalhava no campo na apanha de figos, de amêndoas e da alfarroba]

[Habilitações literárias: 3º ano de escolaridade]

Local da recolha: Fonte Santa, Vila Nova de Cacela, Concelho de Vila Real de Santo António

Data da recolha: 21/11/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Era uma vez um lobo que chamavam o lobo asno. E uma manhã levantou-se, espreguiçou-se e o rabo deu-lhe três estalos. E ele orientou-se por aqueles estalos e disse:

- Hoje tenho um dia feliz, vou percorrer o mundo a ver o que me sai.

Foi andando, andando, andando, encontrou numa estrada um bocado de toucinho salgado. Cheirou, cheirou, não lhe agradou.

- Eu não quero isto! Bem, pois se eu tenho, ainda tenho mais dois, mais duas coisas tão boas pela frente... vou-me embora!

Foi andando, foi andando, foi andando... encontrou um pastor com umas, umas, umas ovelhas e havia lá também um chibato, um bode. E disse-lhe assim:

- Olá, então, está bom?

Diz ele:

- Sim, para aqui vou indo.

- Ai, eu tenho tanta fome... mesmo agora lhe vou comer as suas ovelhas.

- Ai, não me comas as minhas ovelhas que isto não são só minhas, são minhas e do meu patrão.

- Não quero saber, eu vou comê-las!

Bem, então, o velhote pensou arranjar-lhe uma mentira e o que estudou e disse-lhe:

- Olha, então vamos fazer uma coisa... vamos contar as ovelhas e vamos dividi-las ao meio. Tu vais comer a minha metade e deixas a metade do meu patrão.

- Está bem, está bem – o lobo muito contente.

Assim puseram-se em carreira de um lado, carreira de outro e pôs o bode no meio. Quando o lobo estava a contar as ovelhas, vai o bode dá umas cornadas no lobo, o lobo de pataquilhas cai, e as ovelhas e o homem fugiram e o lobo:

- Ai, ai, ai que me mataram! Ai, ai, ai que me mataram!

Estrebuchou, estrebuchou, não conseguiu levantar-se. Foi andando. Foi à pergunta do último presente, que ainda tinha. Foi andando, foi andando, foi andando muito triste, veio também um senhor andar com uns porquinhos, ali no vale, e disse-lhe:

- Bom dia, patrão!

- Bom dia.

- Ai, que lindos porquinhos!

- Pois são, são muito bonitos.

- Ai, mas você não sabe que vai sofrer um grande desgosto.

- Então porquê?

- Porque eu agora vou-lhos comer.

- Ai, não me faça isso! Os, os porquinhos ainda não estão batizados!

- Não me importo eu como isso mesmo sem ser batizado.

- Ai, não é bom! Logo você não gosta disso, não quero, não, não, não, não... vamos é para o pé daquele poço e vamos batizar os, os, os porquinhos. E depois o senhor come os porquinhos.

- Está bem.

O homem lá disse, o maluco se havia de pôr de perna aberta, ao meio do poço, e ia-lhe dando um porquinho de vez em quando, ele ia molhando a cabecinha o lobo, na água, e ia pondo-lhe um nome, perguntou ao homem que nome queria pôr. O primeiro era Começo, era o primeiro, era Começo.

- O segundo... que nome quer que ponha ao segundo?

- Meiete – que era o do meio.

Quando foi ao terceiro, vai de lá o homem, dá-lhe uma panada e o lobo caiu dentro do, do poço. E eles começaram a fugir com os porcos, começou a fugir com os porcos e o lobo ficou:

- Ai, ai, ai, valha-me Deus que me matam! Ai, Ai...

Tanto estrebuchou, tanto estrebuchou até que conseguiu salvar-se dali. Diz ele:

- Ai, lobo asno! Lobo asno! Não quiseste o teu pedaço de toucinho salgado e agora não comeste nada! Havia de ter aproveitado o toucinho salgado... também o conto se acabou e o cu se chamuscou! E eu fui lá não me deram nada! Nem toucinho, nem porcos, nem nada!¹

¹ A informante acaba os contos a rir e sempre com este final.

ATU 222, *War between Birds (Insects) and Quadrupeds/ A Batalha entre o Leão e o Grilo*

Lado A

Cassete nº6/2011/Elisabete Reis

Classificação: Conto de animais

Título: A história do grilo e do leão

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira.

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 10/07/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Pois o grilo e o leão. Era o grilo que queria dizer que era o rei de todos os animais. E o leão dizia que não, que era ele, ele é que era o rei, que era mais forte. E, depois, tanto discutiram até que declararam guerra um ao outro. Declararam guerra, prepararam um campo de guerra lá num terreno só, de coiso. E o grilo apresentou as tropas dele, a formiga, as moscas, as carraças, todos os bichos mais pequenos e o leão apresentou-se com as tropas mais fortes, o tigre, o jaguar, os lobos, as zorras², todos os bichos...

E na altura que estava chegada a, a hora de, do combate, a raposa como era mais fina, queria ser mais fina que os outros animais todos, foi a caminho do, passou lá pelo campo de concentração onde estava o grilo com as tropas dele, com as formigas, com as moscas, com os insetos mais pequenos.

² Tal como o próprio informante explica, “zorras” é uma raposa.

A raposa mais fina, prega uma patada num lado, uma patada de outro deu fim logo da, das tropas do, do grilo. O grilo vê-se atrapalhado na, na coiso... gritou:

- Ataquem as tropas de farda amarela!

Ora, as tropas de farda amarela eram as vespas, as abelhas, todos esses insetos que picavam. Jogaram-se à raposa, picaram a raposa toda nos olhos, por todo o lado. A raposa já não via nada, foi, chegou já atrasada ao campo de concentração. Chegou ao campo de concentração, se havia de ir para o lugar de... para o ataque, pôs-se lá de longe, à espreita, a ver o que é que eles faziam. E o leão disse:

- Então, e tu? Tu não vens? Não vens para o combate?

E ela respondeu:

- Deixa-me lá ver se eu vejo alguma coisa, que eu não vejo nada [Risos] que me picaram todo.

Até que chegou a hora do combate. Veio o leão, veio o tigre, veio aquela bicharada toda. Ora, as moscas, as formigas já estavam quase mortas, que a raposa tinha-se ido meter com elas. O grilo deu um grito:

- Avancem as tropas amarelas.

Vieram as vespas, vieram as abelhas, veio os bichos todos. Atacaram os outros, os outros tiveram que fugir. Ficou o grilo a gritar:

- Rei, rei, rei, rei, rei...

E ainda hoje a cantiga do grilo é só:

- Rei, rei, rei, rei...

E o grilo é que ficou com o, como rei dos, dos animais.

Coletora: E qual é que você acha que é o rei dos animais? O grilo ou o leão?

Informante: O leão é o rei dos animais ferozes, os mais ferozes. E o grilo é o rei dos insetos mais pequenos. Todos os insetos mais pequenos, o grilo é que é o combatente, é que é o mais... é o rei [...].

ATU 275 C, *The Race between Hare and Hedgehog/ Corrida entre a Raposa e o Sapo*³

Lado A

Cassete nº6/2011/Elisabete Reis

Classificação: Conto de animais

Título: A história da raposa e do sapo

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 10/07/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

O do sapo e da raposa. Foi a raposa que encontrou o sapo e tiveram a conversar e combinou, disse se ela queria fazer um contrato com ela, que quem chegasse a tal parte, lá num lugar combinado, que eles combinaram. Quem chegasse mais cedo, tinha que fazer um petisco e quem chegasse atrasado é que tinha que pagar.

O sapo como andava mais devagar, disse que estava bem. E abalou, começou a andar. A raposa como andava mais ligeira pôs-se a... passou por uma estrumeira onde eles deitavam o lixo fora, foi à procura de comer, ia com fome, foi à procura de comer, pôs-se a comer, tanto comeu que encheu a barriga, deixou-se dormir. Deixou-se dormir, quando acordou, já havia muito tempo, diz ela:

- Ai, o sapo já lá está.

³ Esta versão parece esquecida: o sapo deveria ter ganho à raposa, tendo previamente combinado com outros sapos estarem nas diferentes etapas, incluindo na meta. Assim, aparece apenas como uma alusão ao conto Cardigos 277* B, *Holding the Oxen's Paw/ Segurando o Casco do Boi*.

Começou a fugir, chegou logo lá. Chegou lá, não estava ainda o sapo. Começou a chamar por ele:

- Ó compadre, então, onde é que você está?

Ele dizia:

- Espere aí, que eu estou segurando a pata do boi!

Ja passando a ribeira, veio o boi, pôs-lhe a pata em cima, enquanto esteve a beber. O pobre do sapo esteve preso, não pode abalar. Quando chegou já a raposa lá estava, ele é que teve de pagar a despesa do jantar.

Informante: A raposa por ser mais inteligente queria enganar todos os outros insetos [...] se o sapo, se o boi não põe a pata em cima do sapo, quem chegava adiante era o sapo, enganava a raposa [...], há sempre quem queira enganar os outros.

Cardigos 277* B, *Holding the Oxen's Paw/ Segurando o Casco do Boi*

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Conto de animais

Título: [O sapo e a cotovia]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Diz o pardal [sapo] à cotovia:

- Ó comadre, vamos começar o dia.

A cotovia combinou com, com o sapo para irem à casa de um lavrador. Ora, o sapo foi, a ribeira ia cheia, ora teve que mergulhar para passar para o outro lado. Ao mesmo tempo vem o pastor com os bois. O boi põe a pata em cima do sapo⁴, lá ficou o sapo preso.

A cotovia foi, chegou lá e disse assim:

- Então, e o meu compadre? Ele vinha comigo e não vem?

Vai telefonar para o compadre:

- Ó compadre, então onde é que está você?

Diz ele:

- Ó comadre, espere por mim, que eu estou segurando aqui na pata de um boi!

[Risos]

⁴ O informante exemplifica esta parte da narração batendo com a mão na mesa.

ATU 282 D*, *The Louse and the Flea Spend the Night in Woman's Vagina and Backside*/ *Como o Piolho e a Pulga Passaram a Noite*

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Conto de Animais

Título: [O carochinho e o grilo]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

O carochinho e o grilo... o carochinho e o grilo andavam passeando na, na praia, na coisa... depois encontraram-se e diz o carochinho para o grilo:

- Epá, já foste a Lisboa?

Diz ele:

- Não.

- E não gostavas de ir?

- Pois gostava.

- Então, temos que combinar ir um dia passear a Lisboa.

Depois lá se combinaram. Abalaram, foram passear a Lisboa. Andaram passeando dentro de Lisboa, de um lado para o outro, ia-se fazendo de noite, foram a uma pensão para pedir para ficarem a noite. Diz o homem assim:

- Olhe, já tenho tudo tomado, mas isto já é tão tarde, vou ver se está algum quarto livre, que algum que arranjou noutra lado e não veio.

Ele foi, encontrou um quarto vazio e veio dizer ao carochinho e ao grilo que tinha um quarto vazio.

Ora, o carochinho e o grilo foram para dentro. Chegaram lá, viram aquilo, uma coisa tão fina, onde eles estavam acostumados a andar na, na relva e dentro da, do fresco e dentro da merda... e viram uma coisa tão fina disseram:

- Não, isso não é para a gente, pá! Ele está a fazer alguma parte a gente!

E foram, puseram-se a um cantinho do quarto e puseram-se lá ao canto. Lá para as tantas da noite, um casal, tinham ido passear a, o passeio de noivos e quando vieram já era tarde. Chegaram à cama, deitaram-se a dormir, cada um por seu lado. O carochinho e o grilo com o frio que fazia...

- Epá, está aqui muito frio!

Amarinharam por aí a cima, foram para a cama. Foram para a cama, ora o grilo foi logo à procura de um lugar fresco. Encontrou um lugar fresco dentro da... da salsa, daquilo arranhou logo um buracinho, meteu-se para dentro.

O carochinho que o coiso dele era a merda, andou à procura, à procura, encontrou o buraco do cu... Bumba! Meteu-se logo dentro do buraco do cu [Risos].

Lá para as tantas estavam a dormir muito bem, quando vem um gajo, entra de porta a fora, sem pedir licença sem nada, foi a caminho logo do grilo, deu-lhe logo uma cabeçada. Diz ele:

- Isto está mau!

O carochinho estava no buraco do cu, sentiu bater à porta, foi ver quem era... leva duas castanhas logo, teve que recolher para dentro e não pode sair para fora.

Estando o pobre do carochinho a querer fugir, de um lado para o outro, vinha para a porta... Bumba! Duas cabeçadas logo na, na coisa!

O grilo estava lá dentro, não sabia onde se havia de meter, andava de um lado para o outro, de um lado para o outro, até que o gajo tantas cabeçadas lhe deu, tanto coiso... grumitou-lhe em cima. Diz ele:

- Olha este bêbedo do filha da puta! Vem empencer comigo! Não basta não me deixar dormir [Risos], senão ainda em cima me grumitou em cima!?

Grumitou em cima do grilo, o grilo ficou todo enleado, já queria fugir não podia, as pernas todas presas [Risos].

Bom, lá se aguentaram. De manhã saíram. Vieram para a rua, diz o grilo ao carochinho:

- Então, pá? Como é que tu te deste?

- Não me digas nada, ainda me dói a cabeça! Tantas cabeçadas que o gajo me deu. Um gajo foi empencer comigo, a bater à porta, vinha ver quem era... Bumba! Duas cabeçadas logo. Não me deixou sair.

Diz o grilo assim:

- E eu ainda foi pior! Foi um bêbedo se meter comigo, andou toda a noite à cabeçada comigo, e no fim grumitou-me em cima [Risos], queria andar não podia, fiquei com as pernas... todo preso!

ATU 288 B*, *The Over-Hasty Toad (Beetle)/ O Sapo Apressado*⁵

Lado A

Cassete nº 6/2011/Elisabete Reis

Classificação: Conto de animais

Título: O sapo e a cotovia

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 10/07/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

O sapo e a cotovia. Era a cotovia levantava-se logo muito cedo e punha-se em cima das árvores a cantar e o sapo estava a dormir e guerreava com a cotovia de cantar logo tão cedo, que o acordava. Era a história dos animais no outro tempo.

⁵ Esta versão do conto parece bastante esquecida. Talvez a versão seja a seguinte: o sapo é incitado pela cotovia a andar mais depressa. Este cai num rego depois de muito hesitar e, passado muito tempo, queixa-se: “É no que dão as pressas!”.

Subgénero

Contos maravilhosos

ATU 124, *Blowing the House In/ Os Três Porquinhos*

Lado A

Código: Cassete nº1/2003/Ana Viegas

Classificação: Conto maravilhoso

Título: [Os três porquinhos]

Informante: Filomena Varela Silva

Idade: 32 anos

Naturalidade: Portimão

Profissão: Educadora de Infância

[Habilitações literárias: Bacharelato]

Aprendizagem do Texto: Aprendeu na infância com a avó e com a professora da 1ª Classe algumas cantigas

Nunca esqueceu o que aprendeu na infância e agora que é Educadora de Infância continua a transmitir aos seus alunos toda esta sabedoria

Local da recolha: Portimão

Data da recolha: 16/12/2003

Coletora: Ana Paula Capitão-Mor Viegas

Transcrição:

Era uma vez uma porca que tinha três porquinhos. Um dia resolveu dizer-lhes assim:

- Meus filhinhos, como já viram já estão muito crescidos. Chegou a vossa hora de irem por esse mundo fora.

- Está bem mamã, então adeus.

E lá partiram os três porquinhos pelo mundo fora. Resolveram então construir uma casinha. O primeiro a construir a sua casa foi o porquinho mais novo. Mas como era muito despachado resolveu construir uma casa de palha. Todos o avisaram:

- Tem cuidado, porque pode vir o lobo mau.

Mas mal o porquinho acabou a sua casa. Enfiou-se lá dentro e ficou à espera do lobo mau. Mas não tinha medo porque já tinha construído uma bela casinha.

- Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau?

Mas de repente apareceu o lobo.

- Truz, Truz!

- Quem é? Sou eu porquinho.

- Olha que eu sou o lobo! Eu vou soprar e a tua casa vai pelo ar!!!⁶ Bumba!!! E a casa do porquinho foi pelo ar. E o lobo comeu o porquinho. O irmão do meio resolveu fazer uma casa um bocadinho mais forte. E então resolveu construir uma casinha de madeira. Construiu, bateu daqui, bateu dali. Até que estava pronta. E lá foi ele para dentro da sua casinha.

- Quem tem medo do lobo mau? Trá-lá-lá-trá-lá-lá! Quem tem medo do lobo mau? Lá-lá-lá-lá-lá-lá.

De repente apareceu o lobo.

- Truz, Truz!

- Quem é?

- Sou eu o lobo mau!

- Ai, eu sou o porquinho que estou aqui, não tenho medo de ti!

- E eu sou o lobo que vou soprar e a tua casa vai pelo ar!!!⁷

E foi a casa pelo ar. E o lobo comeu o segundo porquinho.

- Ai, estes porquinhos sabem-me tão bem!!!

E resolveu então ir à procura do terceiro porquinho. Entretanto o terceiro porquinho, que era o porquinho mais espertalhão, fez uma casa de tijolos, uma casa muito forte. Construiu, construiu, demorou muito tempo até construir a sua casinha.

Quando estava pronta:

- Está muito bonita, não está? E está muito forte.

E lá foi ele para dentro da sua casinha.

- Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau? Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau?

De repente, apareceu o lobo.

- Truz, truz!

- Quem é?

- Sou eu o lobo mau! E eu vou soprar e a tua casa vai pelo ar!

⁶ Na gravação, ouve-se a informante soprar três vezes.

⁷ Na gravação, ouve-se a informante soprar três vezes.

- Ai, não vai não! Que a minha casa é muito forte! Levei muito tempo a construir, mas tu não vais conseguir soprar.

- Ai, isso é que vou!⁸

E nada. A casa não voou pelo ar. E então começaram a conversar os dois.

- Olá, lobo – dizia o porquinho – então, não conseguiste soprar a minha casa?

Queres combinar uma coisa comigo?

- Está bem! Está bem!

- Olha, tu queres ir comigo à feira?

- Está bem! Está bem! Podemos ir à feira.

- Então, combinamos amanhã às seis horas.

- Está combinado, até amanhã.

No outro dia, o porquinho, que era muito espertalhão, resolveu partir às cinco horas. E lá estava ele à espera do lobo. Como o lobo não aparecia, comprou uma cabacinha, meteu-se lá dentro e foi embora. O lobo quando chegou às seis horas:

- Ó porquinho, onde estás tu porquinho? Porquinho!

Mas não encontrou o porquinho. De repente, resolveu ir embora, quando viu uma coisa a rebolar.

- Ai, que susto, ai-ai, ai, que susto!

Assustou-se e fugiu. E então foi à casa do porquinho.

- Porquinho!

- Olá, lobo, então, a feira? Não foste à feira? Eu fui, mas já fui e já voltei.

- Ai, eu fui à feira, mas vi uma coisa a rebolar, que me assustei.

- Ah, ah, ah... era eu! Comprei uma cabacinha, pus-me lá dentro e assustei-te.

- Ai, este porquinho, eu vou-te comer! Ora, vamos lá combinar.

- Já sei, já sei... há um pomar muito bonito, cheio de fruta, queres lá ir amanhã?

- Está bem, está bem! Olha combinamos às cinco.

- Está bem, pode ser, pode ser!

E assim foi. No outro dia, levantou-se cedo e lá foi o porquinho. E lá estava ele. Viu uma macieira tão bonita, carregada de maçãs. Subiu lá para cima e ficou à espera do lobo. O lobo quando lá chegou:

- Ó porquinho, porquinho não te estou a ver! Não te estou a ver, porquinho!

⁸ Na gravação, ouve-se a informante soprar três vezes.

E o porquinho não respondeu, porque estava em cima da macieira e o lobo não o encontrou.

- Ai, este porquinho está a ser muito difícil, é muito espertalhão! Mas eu agora vou à casa dele e vou tratar dele.

E assim foi. Quando lá chegou já o porquinho tinha chegado, porque ele corre com muita força!

- Ó porquinho, porquinho... diz-me lá, tu foste ao pomar?

- Fui e estava lá em cima da macieira e tu não me viste.

- Mas tu és muito espertalhão! Olha, mas eu agora vou subir pela chaminé e vou-te comer.

Sabem o que fez o porquinho? Pôs o caldeirão de água ao fogo, quando o lobo subiu, subiu, subiu... e pumba! Desceu e caiu dentro do caldeirão de água, água a ferver e começou a correr, a correr, a correr com tanta força, com o rabo a arder, que caiu para dentro do rio. E o porquinho ficou muito feliz e sozinho e em paz sem o lobo mau.

ATU 303, *The Twins or Blood Brothers/ A Torre da Má Hora*

Lado A

Cassete nº1/2002/Elisabete Reis

Classificação: Conto maravilhoso

Título: A bicha das sete cabeças

Informante: Catarina Rosária

Idade: 85 anos (entretanto falecida, depois da recolha)

Naturalidade: Algunha, freguesia de S. Barnabé, concelho de Almodôvar, distrito de Beja

Profissão: Foi agricultora

Habilitações literárias: Analfabeta

Aprendeu com o pai e a tia

Recitava-se: nos serões

Decorou porque ouvia as pessoas contarem

Local da recolha: Várzea da Mão, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 21/12/2002

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Era uma vez um pescador que, que foi à pesca e apanhou um bicho, um peixe desconhecido, que não sabia que peixe era. De maneiras que ele ouviu uma voz dizer assim:

- Não comas esse peixe! Dá esse peixe, faz esse peixe em oito, em oito postas dá duas postas à tua mulher, dá duas à tua égua, dá duas à tua, à tua cadela e enterra as outras duas na estrumeira.

De maneiras que ele assim fez. Vai a mulher teve dois filhos gémeos, ver um ver outro era igual; a cadela teve dois cães também iguais não se conheciam um do outro; a cadela teve dois cães iguais, [eram gémeos – disse a coletora], pois, dois cães gémeos também, e a égua teve dois cavalos e na estrumeira nasceram duas espadas iguais.

De maneiras que chegou a pontos os dois rapazes serem homens pediram ao pai que queriam ir correr mundo e foram. O pai deu-lhes um cavalo, deu-lhes um cão e deu-

lhes uma espada a cada um deles. E eles foram correr mundo. E chegaram a um certo, a uma certo sítio apartaram-se um do outro. E depois um passou, passou num sítio que havia, onde havia uma bicha de sete cabeças e estava, numa cidade estava tudo de luto, a cidade estava de luto, de maneiras que ninguém, não havia ninguém estava tudo de luto, tudo a chorar e ele procurou o que é que havia naquela cidade para estar tudo de luto. Dizem eles assim:

- Ai, pois sabe lá, está a filha do rei condenada à bicha de sete cabeças, que vem comê-la hoje. E o, e o rei ofereceu a filha em casamento a quem matasse a bicha.

E ele vai, e foi para onde estava a rapariga, põe-se lá ao pé dela e ela mandava-o embora, mas ele não quis e ela dizia:

- Vá-se embora, senão a bicha come-o!

Diz ele:

- Não vou! Ela não me faz mal! Eu não tenho medo da bicha.

Assim que veem a bicha [...] ⁹ ele pega na espada vê a bicha atravessou-a pelo meio, matou-a. E tirou-lhe as sete línguas, guardou as sete línguas. De maneira que depois atrás dele foi outro tirou as sete cabeças, tirou as sete cabeças e foi apresentar as sete cabeças ao rei... pois... e ele, o rei, não foi ver se elas tinham lá as sete línguas, o rei dá-lhe a filha em casamento.

No dia que era o casamento da filha esse dito rapaz passa lá outra vez à mesma cidade, estava a cidade toda em festa, estava a cidade toda em festa e diz ele:

- Mas passei aqui à tempos e estava toda a cidade vestida de luto e hoje há uma festa destas aqui?

Dizem as pessoas assim:

- Olhe, sabe que mais vai casar a filha do rei. O rei ofereceu a filha a quem matasse a bicha das sete cabeças. E o rapaz matou a bicha das sete cabeças e então ele deu-lhe a filha em casamento. É hoje o casamento.

E ele nisto mandou, mandou o cão ir buscar um bolo ou uma garrafa de vinho à mesa e vai o cão e trouxe uma garrafa de vinho. Trouxe a garrafa de vinho e foi-lhe apresentar-lhe a ele. A rapariga assim que viu a garrafa, assim que viu o cão disse logo que era ele que tinha matado a bicha. E foram atrás do cão e foram dar com o homem e depois levaram-no lá e diz ele assim:

⁹ Na gravação, não se entende o que a informante diz nesta passagem

- Bom, pois aquele senhor diz que matou a bicha! O senhor tem as sete cabeças, então agora faça o favor e mostre lá as sete línguas.

Mas ele não tinha as sete línguas as sete língua tinha o outro. Pronto ela já não casou com aquele casou com o outro...pois.

E depois foram... os dois irmãos foram até um certo sítio e depois apartaram-se um do outro e levaram uma garrafa de vinho e deixaram-na lá apartada do caminho. E depois todos os dias iam lá ver se estava cheia. Se faltasse um é porque a garrafa estava vazia se a garrafa estivesse cheia não faltava nenhum. Foi então, o que casou com ela, perguntou-lhe a ela, viu um montinho lá ao longe e procurou que montinho era aquele. E ela disse que era o montinho da má hora, quem vai lá não torna. E ele diz-lhe assim:

- Pois eu hei de ir e hei de tornar!

E ele foi e depois, estava lá uma velha e foi logo ver o cavalo e pôs-lhe alguma coisa para ele comer o jantar à noite e coiso... esteve comendo mais ele e acabou de comer diz-lhe a velha assim:

- Vamos lá uns bolados¹⁰?

Ele pensou:

- Uns bolados com uma velha destas o que é que isto faz nas minhas mãos? Não fazia nada.

De maneira que ela, ela deu-lhe um cabelo para prender o cão.

- Tome lá este cabelinho e prenda o seu cão.

- Para que serve, para que é que serve isto? O cão parte isto logo. Qual! Ele estava já rijinho.

Diz ele:

- Engrossa meu cabelão,

Faz uma corrente de ferro,

E enforca-me esse cão!

Pronto, já me enganei!

Ele disse assim:

- Ajuda-me meu leão!

E a velha disse assim:

- Engrossa meu cabelão,

Faz uma corrente de ferro,

¹⁰ Na gravação, não se entende bem a palavra que a informante diz.

E enforca-me esse cão!

Mas ela... tinha enrolado o cabelo... o cão não, não morreu, não enforcou o cão. Ela matou o rapaz e depois pôs o rapaz dentro de um alçapão, lá. No outro dia, o rapaz foi lá onde estava a garrafa de vinho e encontrou-a vazia, viu que o irmão era faltado. Foi, seguiu pelo mesmo caminho e foi ter com a mulher do irmão. Mas ela pensava que era ele, que era o marido, ela pensava que era o marido, mas não era. Bem chegou a noite foram-se deitar e coiso... e ele, ela, ele pôs com um travesseiro ao meio para não tocar na mulher, na mulher do irmão.

No outro dia de manhã quando se levantou diz ele assim:

- Olha, então que montinho é aquele?

Diz ela:

- Ainda ontem te disse já não te lembras? Aquilo é o montinho da má hora quem vai além não torna.

E diz ele:

- Pois hei de ir e hei de voltar!

E ele foi então. Ai, e ela procurou:

- Então mas, então que experiência é essa? - Procurou depois ao outro.

Quando ele veio, ele foi lá fez a velha dar, dar vida ao irmão. Deu vida ao irmão e deu vida ao cão. Diz então:

- Vá buscar, está além um unguento vá buscar aquele unguento além, unte o seu irmão e unte o seu cão.

Diz ele:

- Vá você sua velha dum cabrão! Vá você buscar, vá você untar o meu irmão!

Você é que o matou, você é que tem que lhe dar vida.

De maneira que foi-lhe dar vida. Depois nessa, nessa noite, diz ela... ele foi para casa, diz a mulher:

- Então, que experiência era aquela que tu tinhas ontem à noite que puseste um travesseiro ao meio?

Diz ele:

- Era uma experiência que eu cá tinha.

Ele depois, ele pensou que era ele, o irmão, que tinha ido dormir com ela. E depois matou o irmão também. Depois quis dar vida ao irmão, mas depois ela já não lhe deu vida...pois... ele depois já não soube-lhe dar vida, não tinha lá o unguento da velha não fez nada... pois.

ATU 313, *The Magic Flight/ A Filha do Diabo*

Lado A

Cassete nº1/2002/Elisabete Reis

Classificação: Conto maravilhoso

Título: Conto da Branca Flor

Informante: Catarina Rosária

Idade: 85 anos (entretanto falecida, depois da recolha)

Naturalidade: Alguinha, freguesia de S. Barnabé, concelho de Almodôvar, distrito de Beja

Profissão: Foi agricultora

Habilitações literárias: Analfabeta

Aprendeu com o pai e a tia

Recitava-se nos serões

Decorou porque ouvia as pessoas contarem

Local da recolha: Várzea da Mão, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 21/12/2002

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Era uma vez um homem que tinha muitos filhos, muitos filhos e não sabia já quem havia de ir chamar para padrinho. E quem haveria de chamar? Foi chamar o diabo para padrinho do filho. De maneiras que batizou o afilhado e disse-lhe logo que no dia em que ele fizesse dezoito anos, como pena de morte, que ia na casa dele.

No dia em que o rapaz fez dezoito anos foi à casa do padrinho, ele chegando diz-lhe o padrinho assim:

- Muito me alegra vires tão depressa! Eu já estava calçando as botas para te ir buscar.

Bom lá ficou trabalhando com o padrinho. De modo que um dia mandou-o arrasar montanhas, ele coitado não sabia como havia de arrasar as montanhas. Sentou-se e começou a chorar, a chorar e diz ele assim:

- Ai, como é que eu arraso as montanhas? Valha-me aqui a Branca Flor!

Bom, ele vai por esse... e apareceu-lhe a Branca Flor e pôs a cabeça no colo da Branca Flor. E quando acordou já estavam as montanhas todas arrasadas. E vai o Diabo e diz assim:

- Ai, aqui, aqui trabalha a Branca Flor!

Diz-lhe o rapaz:

- Eu não vi a Branca Flor,

Nem a Branca Flor me viu a mim.

Os anjos do céu me levem

Para a terra onde eu nasci.

Diz ele:

- Cala-te, moço! Cale-te, moço!

Bom, no outro dia, diz ele assim:

- Amanhã vais buscar um anel que está no fundo do mar alto.

O pobre do rapaz foi, chegou ao pé do mar e pôs-se a chorar. Aparece-lhe a Branca Flor pousou a cabeça no colo da Branca Flor e a chorar e ele disse:

- Valha-me a Branca Flor!

Poisa a cabeça no colo da Branca Flor e vá de chorar. E veio a Branca... E diz a Branca Flor assim:

- Olha-me, corta-me em bocadinhos, mas não deixes cair pinga nenhuma de sangue pelo chão e joga-me um bocadinho para dentro do mar.

Mas ele coitadinho tinha pena de a cortar, estava com pena, mas tanto ela quis que ele cortou-a e jogou um bocadinho para dentro do mar. Mas ele deixou cair um pingo de sangue no chão. E onde haveria de faltar o pingo de sangue? No dedo mimiinho, no dedo mimiinho. Bom, depois ele foi-se apresentar ao... ao... ao... Diabo outra vez que já tinha o anel. E diz-lhe o Diabo assim:

- Aí trabalha a Branca Flor!

Ele disse:

- Eu não vi a Branca Flor,

Nem a Branca Flor me viu a mim.

Os anjos do céu me levem

Para a terra onde eu nasci.

E diz ele assim:

- Mau, cala-te, moço! Cala-te, moço!

Vai, diz ele assim:

- Bom, agora vou-te dar uma filha das minhas em casamento, mas tens que escolhê-la pela fechadura da porta e pelo dedo miminho.

Vai ele, a Branca Flor, a pinga de sangue ficou faltando no dedo miminho. E ela diz logo para ele:

- Não te enganes! Se calhas com uma irmã minha, o meu pai mata-te logo!

Ele vê, vê o dedo miminho e vê que falta a pinga de sangue, ele vê, apalpou e faltava aquela pinguinha de sangue, que tinha lá uma cova. Bom, o Diabo foi obrigado a dar-lhe a filha em casamento, pois ele tinha-lhe prometido. Casou com ela.

Casou com ela, mas depois quiseram fugir para ir embora dali. E vai ele, o Diabo, tinha dois cavalos um andava como o vento e outro andava como o pensamento e a rapariga Branca Flor disse ao rapaz:

- Olha, vai, tira aquele cavalo que anda como o pensamento. Não te enganes! Tira aquele e não leves o que anda como o vento.

Mas vai ele e enganou-se e levou aquele que andava como o... como o vento. O Diabo assim que acha falta deles pôs-se logo atrás deles com aquele cavalo que anda como o pensamento. Ora e às tantas ao pé deles, mas ela levava um canudo de agulhas e espalhou-as e formou-se um grande pinheiral e o Diabo não, não pôde entrar com o cavalo dele. Maneira que o Diabo voltou para trás. Voltou para trás, mas depois ainda voltou outra vez. Voltou outra vez, ela levava também um canudo de água, levava aquele canudo de água... Vai, chega ali a um certo sítio, e vai ele ao pé deles, outra vez, vai e espalha o canudo de água formou-se um mar tão, tão, tão forte que o Diabo teve de voltar para trás. E pronto, e ela lá ficou viver com, com ele, com o rapaz e o Diabo nunca mais deu com eles... pois.

ATU 313, *The Magic Flight/ A Filha do Diabo*

Lado B

Cassete nº6/2011/Elisabete Reis

Classificação: Conto maravilhoso

Título: O conto da Branca Flor

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 10/07/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis.

Transcrição:

A da Branca Flor era um senhor que tinha muitos filhos e já ninguém queria ser padrinho dos filhos. E ele foi andar, foi andar até que encontrou um homem e perguntou-lhe se ele queria ser padrinho do filho dele. E ele disse:

- Vou, vou ser padrinho, mas numas condições. Quando ele tiver dezanove anos tem que vir servir para minha casa.

Mas ele não sabia quem era, era o Diabo. E, depois, o rapaz foi crescendo, depois quando teve dezanove anos, fez dezanove anos, foi servir para a casa do padrinho. Ora, o padrinho como era o Diabo queria acabar com ele. E quando ele chegou, tinha lá um monte dentro de uma herdade, aquilo era só bajolos, matos, uma coisa serrada. E ele chegou lá e disse para, para o afilhado:

- Bom, tu vês essa terra que está aí na frente? Amanhã, quero isto tudo posto em vinha e eu já a comer uvas.

Ora, o rapaz viu aquilo, não sabia o que havia de fazer. Sentou-se em cima de uma pedra muito triste. E, depois, quando vem uma coisa e senta-se no colo. E disse:

- Então, o que é que tu estás aqui fazendo tão triste, tão coiso?

Diz ele:

- Ai, o meu padrinho disse-me que este terreno todo que está aí na frente para mim cavar e pôr vinha e amanhã já comer uvas dele, da vinha.

Diz a rapariga assim:

- Sim, deixa estar. Deita-te aqui no meu colo e deixa.

Ele deitou-se no colo da rapariga, a rapariga começou a catá-lo, ele deixou-se dormir. Quando acordou, olha para a frente, já estava aquilo tudo posto em vinha, os cachos de uvas tudo a pender. Ora, veio o padrinho e disse-lhe:

- Então, já fizeste o que eu disse?

- Pois, já está aí cheia de vinha.

Mas ele não sabia que a rapariga que veio sentar-se no colo dele que era a filha do Diabo. O diabo tinha três filhas. Eram... era a Branca Flor e as outras coiso... e a Branca Flor é que se sentou no colo dele, no coiso. Ele deixou-se dormir quando acordou, já estava a vinha. Diz ele:

- Olha lá, oh... isso é coisa da Branca Flor! Já está assim, foi coisa da Branca Flor!

E ele disse:

- Se eu vi Branca Flor ou Branca Flor me viu a mim, valha-me Deus já aqui!

Ora, o Diabo não queria ouvir falar em Deus. Foi-se embora. Deixou-os da mão. Bom, no outro dia, outra vez diz ele:

- Bom, agora amanhã, tudo o que a gente tiver aqui na frente tem que ser transformado em mar e andarem à pesca e a comerem já peixe. Peixe da, da, daí do mar.

Ora, o pobre desgraçado sentou-se outra vez a chorar, a matutar, apareceu-lhe a Branca Flor e diz:

- Então, o que é que ele quer agora?

- Quer que tudo quanto a gente veja na frente se transforme em mar e haja aí comer, já peixes apanhados do mar.

Diz ela assim:

- Senta-te aí, não tem mal, não te canses.

Ele pôs-se outra vez, ela começou a catá-lo, deixou-se dormir. Quando acordou já viu o mar, todo formado em mar e um, e um barquinho de uns que andavam a pescar peixe. Quando ele veio, diz ele, no outro dia, quando ele veio, viu aquilo tudo transformado em mar, e o homem a pescar, a apanhar peixe, disse-lhe outra vez:

- Olha, isto é coisas da Branca Flor!

Diz ele:

- Se eu vi Branca Flor ou se Branca flor me viu a mim, valha-me Deus já aqui!

Ele ia-se logo embora. Não, não queria saber. Ai, ele tinha-lhe dito, que ele perguntava-lhe três respostas, ao fim das três respostas se ele soubesse, se ele se safasse estava livre. Não coiso mais. Vai a última. Ele arranjou um preto, daqueles pretos com o cabelo todo enrolado, todo coiso. E disse assim:

- Bom, olha, está aqui este preto, tem o cabelo todo enrolado. Amanhã tens que endireitar os cabelos todos. E amanhã ele tem que estar com os cabelos todos direitos.

Ora, o pobre a pensar, a coiso, até que apareceu a Branca Flor outra vez e disse:

- Então, o que é que ele quer hoje?

- Olha, está além aquele preto e ele agora quer que eu endireite os cabelos todos.

Diz ela:

- Bom, deixa-te estar.

Ele pôs-se outra vez, ela começou a catá-lo, quando ele, quando ele veio já o preto estava com os cabelos todos direitos, todo coiso. Diz ela assim:

- Bom, já te safaste desta, agora vou dizer a última para coiso...

Diz ela assim:

- Bom, tu já te safaste das três, já estás safo, mas o meu pai agora vai fazer uma proposta. Ele tem três filhas, e agora quer que tu cases com uma delas. Mas tu vais escolher...

E ele depois... estavam luvas, pôs as luvas para ele não as conhecer pela mão. E a Branca Flor para o salvar cortou um dedo maminho, cortou o dedo maminho e coiso... e disse-lhe, e disse-lhe a ele:

- Tu vais, quando chegares, dás a mão a todas, cumprimentas todas e, depois, apalpas o dedo maminho. Quando veres que não está o dedo maminho é essa que tu escolhes.

Diz ele:

- Então, está bem.

Foi no outro dia de manhã. Ele apresentou as três filhas, todas iguais, não fazia diferença uma da outra. E ele cumprimentou-as, deu a mão a uma, deu a mão a outra. Até deu... viu onde estava o dedo a menos e disse:

- Eu quero esta!

Calhou a Branca Flor, que era a Branca Flor. Diz ele assim:

- Está bem, está bem. Casa-te com ela.

Trataram do casamento e coiso... e na noite, ele combinou com os criados onde é que era o quarto, onde eles iam dormir, para ir lá e matá-los. Depois, a Branca Flor disse:

- Olha, o meu pai agora vai, quer matar a gente tudo aí. Mas a gente vai-se a escapar.

E ele tinha três cavalos, um era o pensamento, outro era o corta-vento e outro era a velocidade, que era quando se acende uma lâmpada aquilo alumia à velocidade de coiso...

- Mas são todos gordos, só um é que é mais magrinho. Tu escolhes o mais magrinho, que era o pensamento.

Ora, ele foi lá à cavalaria, eles estavam deitados para, para coiso... e ela combinou, encheu dois coisos de borracha de vinho e pôs em cima da cama. Pôs em cima da cama, fazendo o vulto que eram eles. Quando chegou a... e, depois, agarraram, ela diz:

- Vamos embora, vai buscar um cavalo!

Ele foi, viu os outros gordos, todos bonitos e o outro magrinho, agarra num que era o corta-vento, que era mais gordo. Quando veio, diz ela assim:

- Ai, então, não trouxeste o magrinho como eu te disse?

- Oh, o magrinho não podia andar, eu trouxe este gordo.

- Bom, deixa, então vamos embora.

Abalaram para se irem embora. Vai ela, agarra no coiso e cospe para a parede, cospe para a parede e o pai, para saber quando eles estavam a dormir chamava:

- Branca Flor!

E o cuspo respondia:

- Sim, estou aqui!

E à medida que o cuspo ia secando, ia perdendo a força, ia dizendo:

- Estou aqui...

Até que chegou a um ponto que o cuspo secou, já não tinha força. E ele mandou avançar os homens. Eles foram dois cada um com o seu punhal. Chegaram ao pé da cama onde viram o vulto de um, o vulto de um, jogaram o punhal. Ora, aquilo rompeu o saco de vinho, saltou-lhe uma pinga para a boca, lambeu e vieram-se embora, diz ele:

- Então, o que é que vocês... já mataram?

- Já, já matámos, já coiso... até me saltou um, um coiso de sangue para a boca.

Olhe, sabia tão bem!

Diz ele assim:

- Oi, não é isso, ela, ela enganou-os e coiso... vão lá ver!

Eles foram ver, era o coiso de vinho, a borracha de vinho que eles tinham rompido. Diz ele assim:

- Vão lá ver os cavalos! O cavalo que eles levaram.

Foi, viram que era o corta-vento. Tinha ficado o magrinho que era o pensamento. Diz ele assim:

- Vão lá buscar o cavalo, e vão à procura deles.

E eles foram buscar o pensamento. Ora, o pensamento é o mais rápido, é onde pensavam, lá estavam. Foram, foram, vão pensar em apanhá-los, chegaram ao pé deles, estava o, ela viu vi-los, sabia que eles vinham. Diz assim:

- Oh, já estamos desgraçados! Que eles vêm aí!

Ela formou-se num, num moinho e, e, ele num moleiro. Quando eles chegaram, não viram ninguém, chegaram ao pé dele e disseram assim:

- Você não viu passar aqui um, um rapaz e uma rapariga?

Diz ele assim:

- Olhem, têm trigo aí, aproveitem agora que está a fazer bom vento, que é para moer logo o trigo, que é para levarem a farinha.

Diz ele assim:

- Oi, a sério...

Voltaram-se para trás, diz ele assim:

- Isso é coisas da Branca Flor!

Diz o moleiro assim:

- Se eu vi Branca Flor ou se Branca Flor me viu a mim, valha-me Deus já aqui!

Ora, eles não queriam ouvir, rasparam, vieram para trás. Vieram para trás chegaram ao pé do, do patrão e disseram:

- Olha, a gente foi até tal parte, não vimos ninguém. Chegámos ao pé de um moinho, perguntámos se o moleiro não tinha visto passar, o moleiro disse que não viu passar ninguém e de coiso...

- Ah, mas isso eram eles, então, não, não, não mataram?

Diz ele:

- Vão lá outra vez.

Lá voltaram outra vez, quando ela deu por eles virem, diz ela assim:

- Oi, aí vêm eles outra vez.

Diz ela assim. Ela formou-se numa igreja e ele no sacristão a tocar o sino. Chega ele, perguntou ao sacristão:

- Mas você não viu passar aqui um, um rapaz e uma rapariga?

Diz ele assim:

- Olhe, está quase a entrada na missa, vão já para a missa.

E vá de tocar o sino, puxar a corda e tocar sino. E eles a dizer:

- Não...

- Está na hora de ir para a missa, vão já para a missa.

Diz ele assim:

- Isto é coisas de Branca Flor!

Ele respondia:

- Se eu vi Branca Flor ou Branca Flor me viu a mim, valha-me Deus já aqui!

Eles não queriam ouvir falar em Deus, voltaram. Vinham para trás. Vinham para trás, chegavam cá, ele dizia:

- Então, não os viram?

- Pois não, só vimos uma, uma igreja e perguntámos ao sacristão se não tinha visto passar um rapaz e uma rapariga. O sacristão só dizia era para a gente entrar para a missa, que estava já na hora de ir para a missa.

Diz ele:

- Isso eram eles, homem, isso eram eles! Vão lá outra vez!

Queria era matá-los. Eles foram outra vez, quando eles, quando eles chegaram, ela apresentou-se na, na igreja e estava o casamento para irem casar. Ia o noivo para casar. Chegaram, perguntaram:

- Então, não viram passar aqui um rapaz e uma rapariga?

Diz um assim:

- Olhe, o casamento está quase a entrar para a igreja, vocês querem assistir ao casamento? Vão já para dentro da igreja que é para assistirem ao casamento.

Ora, eles não queriam saber da igreja, diziam logo:

- Ah, isto é coisas da Branca Flor!

Ele respondia:

- Se eu vi Branca Flor ou Branca Flor me viu a mim, valha-me Deus já aqui!

E voltaram-se para trás. Ele escapou-se das três propostas que ele tinha dito. Ainda hoje já estão morando, casaram e ainda estão morando lá felizes e ele ganhou. Voilà. E acaba o coiso da Branca Flor. O conto da Branca Flor.

Coletora: E por quê o número três? Por que é que é três vezes, três cavalos, três irmãs...

Informante: Era só três coisas, ele só perguntava era por três coisas.

Coletora: Porquê o número três? Tem algum significado o número três?

Informante: Naturalmente era o símbolo dele, que só podia era propor três propostas e ele safou-se das primeiras três e, depois, safou-se com, com ela, que coiso, mas lá por ele... o cavalo é que foi o coiso... se ele, se ele pensasse em trazer o cavalo magro era o pensamento, onde, onde eles pensavam lá estavam. Assim trouxe o corta-vento para os outros, pensava, os outros pensavam em apanhá-los, era só pensar que estavam logo em cima deles. Eram mais rápidos em pensamento.

Coletora: Se fosse você qual era o cavalo que tinha escolhido? Do pensamento, do vento ou da velocidade?

Informante: Tinha de escolher era o mais magrinho, que era o que ela disse, que era o pensamento.

Coletora: E por que é que ela o catava? Sabe-me explicar por que é que ela...

Informante: Para o adormecer, que era para ele não, não, não ver o que ela fazia.

Coletora: E porquê? Ele não podia ver?

Informante: Não, era o dom que ela tinha, e não queria que ele soubesse, que ela tinha aquele dom, que era santa.

Coletora: E qual era o nome das outras irmãs? Não sabe?

Informante: Ai, eu agora já não me lembro! Sabia o nome delas todas, mas agora já não me lembro.

Coletora: E por que é que, por que é que o Diabo não gosta que falem em Deus?

Informante: Porque é contra Deus.

Coletora: É contra ele? É o seu rival? Será?

Informante: Pois... o Diabo, o Diabo não, não tem filhos... não casou não...

Coletora: Não tem filhos, e então como é que tem três filhas?

Informante: Pois, mas isso é com a coisa de Deus, com a graça de Deus.

Coletora: Ah, Deus concedeu-lhe, concedeu-lhe três filhas?

Informante: Pois...

Coletora: E por que é que aqui fala em cortar um dedo, por que é que ela tinha um dedo cortado?

Informante: Para ele a conhecer com as luvas senão não a conhecia. Ele ia, elas estavam todas iguais, vestidas do mesmo, de tudo, ele não a conhecia.

Coletora: Mas porquê cortar um dedo? Porquê? Por que é que não é cortar a mão, por que é que não é cortar o braço, por que é que não é cortar a perna?

Informante: Não, cortou o dedo, para quando ele foi apertar a mão, cumprimentá-la, ele apalpava para ver o dedo da mão.

Coletora: Isso não é um bocado agressivo?

Informante: Por isso é que ele... não, ela não sabia a maneira que ele havia de escolhê-la, estavam todas iguais, e pensou em cortar o dedo para quando ele fosse dar a mão, apalpava o dedo mimiinho, faltava o dedo mimiinho, já sabia que era ela.

Coletora: Então, ela ficou sem dedo?

Informante: Ficou sem o dedo.

Coletora: E foi ela que cortou o dedo dela?

Informante: Ela é que cortou o dedo dela para o salvar a ele, pois...

[...]

Coletora: Então, e, e pode-me explicar ou descrever como eram os serões quando contavam estes contos? Como é que eram os serões?

Informante: Os serões era na noite, no inverno, que as noites eram, eram coiso, juntavam-se os vizinhos na, na casa uns dos outros para passar o tempo e cada um contava a sua história.

Coletora: Não era só com a família? Era também os vizinhos?

Informante: Não, eram os vizinhos, os vizinhos que juntavam-se ao pé do fogo, com o frio, e depois cada um contava a sua história.

Coletora: E era só os mais velhos que contavam ou os novos também?

Informante: Os novos não sabiam, iam aprendendo com os velhos para quando chegassem a ser velhos, começam outros a contar.

Coletora: E quem é que contava mais, as mulheres ou os homens?

Informante: Era... dependia. Havia, havia ocasiões em que havia mulheres que combatiam os homens. Outras vezes eram os homens que combatiam as mulheres.

Coletora: Como, como assim combatiam?

Informante: Combatiam, que era quem contava mais do que os homens. Tinham mais histórias.

Coletora: E que tipo de histórias é que elas contavam mais? Por exemplo, o grilo e o leão, quem é que contava o grilo e o leão? Era mulher ou era homem? Já não se lembra?

Informante: Agora eu não me lembro nada disso.

Coletora: E por que é que se lembra destas histórias e não se lembra das outras todas? Por que é que ainda se consegue lembrar destas?

Informante: Sabia tantas, tantas... mas os anos esquecem tudo. Eu tomava atenção a essas coisas para aprender, mas os anos...

Coletora: Mas gostava delas porquê? Porque gostava de ouvir? Porque gostava de aprender?

Informante: Porque gostava de ouvir para mais tarde contar também como os outros contavam.

Coletora: E que mensagem é que transmite esta Branca Flor? O que é que isto quer dizer esta história da Branca Flor?

Informante: Quer dizer que a força de Deus era mais forte do que a do Diabo, era... tinha mais concorrência.

ATU 327 A, *Hansel and Gretel/ O João e a Maria*

Lado A

Cassete n.º2/2003/Anabela Frade

Classificação: Conto maravilhoso

Título: Hansel e Gretel¹¹

Informante: Anabela Zeferino Frade

Idade: 20 anos

Naturalidade: Boliqueime, Concelho de Loulé, Distrito de Faro

Habilitações literárias: terceiro ano do curso de Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses, na Universidade do Algarve

Local da recolha: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 19/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

Agora vou contar a história de Hansel e Gretel. Portanto, Hansel e Gretel eram um casalinho de irmãos que viviam numa floresta com o pai. O pai era lenhador e vivia com uma mulher, que não era a mãe dos rapazes, do casal. E ela era muito, muito má, era ruim com, com as crianças, não lhes dava de comer e infernizava a vida do pobre lenhador.

Ela tanto chateou, tanto chateou o lenhador que não havia comida, não havia dinheiro e que ele tinha que abandonar as crianças no meio da floresta, que alguém havia de as encontrar e cuidar delas.

O lenhador gostava muito das crianças, hesitou muitas vezes, mas um dia lá cedeu às chantagens da, da mulher e levou as crianças para o meio da floresta. Contudo as crianças tinham ouvido a conversa entre ele e a mulher. Então, o que é que elas fazem? Juntam, juntam pedrinhas e conforme eles vão andando na floresta eles vão deixando um, um rasto de pedrinhas, para quando o lenhador se fosse embora eles

¹¹ Esta versão não parece ser de transmissão verdadeiramente oral, devendo, pelo contrário, derivar da leitura do conto dos Irmãos Grimm com o mesmo título. É inspirado no conto de Grimm “Adversários Sobrenaturais”.

encontrassem o caminho para casa. E assim foi. Eles deixaram, deixaram o rasto de pedrinhas. O pai enquanto esteve a trabalhar, a cortar árvores e a arranjar lenha eles estiveram a brincar. Entretanto, o pai arranja, arranja uma desculpa e desaparece. E as crianças ficam sozinhas. Mas, elas seguem o rasto de pedrinhas e voltam para casa. A mulher fica furiosa!

E da segunda vez que o lenhador tenta abandonar as crianças elas, como não tinham encontrado nada, o que é que elas fazem? O pão que era o jantar delas, na noite anterior, guardaram e foram deixando o rasto de migalhas de pão. Só que elas esqueceram-se dos passarinhos. Conforme elas iam deixando as migalhas a fazer o rasto, os passarinhos iam comendo as migalhas. Então, quando chega a hora de o lenhador arranjar uma desculpa e sair, sair do pé deles, e ir para casa, abandoná-los, eles tentam encontrar o rasto das migalhas de pão, mas não conseguem. Então ficam perdidos e assustados.

Eles andam, procuram o rasto, vagueiam, vagueiam, até encontrar uma clareira. E nessa clareira havia uma casa linda, feita de chocolate, de doces, era um encanto, toda a casa era construída em doces. Eles estavam com tanta, tanta fome, coitados, que pegam num pedacinho da casa (que era de bolacha, de doce, de bolo) e começam a comer.

Entretanto, sai de lá uma velhota muito boazinha, muito bonita e que os convida para entrar. Mas... eles entram, coitados, estavam abandonados, entraram. E assim que eles entram em casa a velha que era uma bruxa má, tranca o Hansel dentro numa gaiola, para o engordar, para vir mais tarde comê-lo. E a jovem Gretel fica a fazer de dona de casa, faz as limpezas, é a empregada.

Eles apercebem-se do que a velha quer fazer, que quer engordar o Hansel para o comer, visto que ele era muito magrinho, tinham que o engordar. Só que a velha bruxa era cega, praticamente cega, então não via nada. Então sempre que ela, ela lhe ia dar de comer, ela pedia-lhe o dedo ou o braço para ir apalpar, ver se ele já tinha engordado. E o Hansel dava-lhe sempre um ossinho de frango ou do que ela lhe desse para comer. E a velha já estava a ficar chateada, porque ele não engordava. Não engordava. E ela resolve mandar a Gretel aquecer o forno que ia fazer o Hansel de qualquer das maneiras, visto que ele estava magro, mas ia fazê-lo porque ela estava cheia de fome e queria comer o menino.

A Gretel, como era uma rapariga muito inteligente, começa a chorar e diz que não consegue ver se o forno está quente, se está quente, para assar o irmão. Então

demanda, pede à bruxa para ir ver se o forno está quente. Quando a bruxa se vai assomar ao forno a Gretel fecha o forno e a bruxa velha morre.

E assim eles fogem os dois e quando eles vão a correr pelo meio da floresta ouvem o pai chamar por eles. Ouvem o pai a chamar por eles, o pai pede perdão, perdão e que a madrasta deles tinha morrido e que eles agora já podiam ser felizes.

Contudo, eles quando mataram a velha encontraram um tesouro dentro de um bauzinho, encontraram um tesouro. Assim eles foram felizes e ricos para sempre. Fim.

ATU 327 A ?, *Hansel and Gretel/ O João e a Maria* + **ATU 450 ?**, *Little Brother and Little Sister/ Irmãozinho e Irmãzinha* + **ATU 403 ?**, *The Black and the White Bride*

Lado A

Cassete nº1/2004/Cláudia Santos

Classificação: Conto maravilhoso

Título: A vida sem rumo e o rumo na vida

Informante: Maria Luísa do Carmo Madeira

Idade: 74 anos (1930)

Naturalidade: Manta Rota, concelho de Vila Real S. António, distrito de Faro

[Profissão: A informante trabalhava no campo na apanha de figos, de amêndoas e da alfarroba]

[Habilitações literárias: 3º ano de escolaridade]

Local da recolha: Fonte Santa, Vila Nova de Cacela, Concelho de Vila Real de Santo António

Data da recolha: 21/11/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Eram dois meninos que saíram de casa sozinhos, iam por um caminho muito estreito e muito mau e não queriam parar. Mas logo estavam cansados e ali pararam, a um rochedo se encostaram para poder descansar. E se deixaram adormecer. Estavam adormecidos e ouviram tocar, era uma senhora tão linda, que logo lhes quis falar. E o menino logo acordou, e perguntou:

- Quem é a senhora?

E a senhora respondeu, mas a menina calada sempre com medo a tremer:

- Sou uma fada madrinha de que dos meninos gosto.

Ah, mas primeiro ainda lhe perguntou... deixava uma frasezinha atrás...

- O que é que os meninos querem?

E o menino respondeu:

-Tenho fome, senhora. Dá-nos comer.

E depois, a menina cheia de medo, sempre a tremer. E depois a fada disse:

- Não tenhais medo, eu sou uma fada madrinha que dos meninos gosto.

E então aos ouvidos lhe falou:

- E os venho fadar para ficarem sempre juntos.

E a vida continuou, e eles se fizeram adultos, ficaram até ao fim.

Nota: Conto esquecido e improvisado. O início (com dois irmãos saindo de casa para a floresta podia ser a recordação do princípio de *Hansel and Gretel* (ATU 327 A) ou de *Irmãozinho e Irmãzinha* (*Little Brother and Little Sister*) (ATU 450). O aparecimento da fada encontra-se também em *The Black and the White Bride* (ATU 403), mas aí a história é muito diferente.

ATU 333, *Little Red Riding Hood/ O Capuchinho Vermelho*

Lado A

Cassete nº1/2003/Ana Viegas

Classificação: Conto maravilhoso

Título: A história do capuchinho vermelho

Informante: Alexandra de Eça Pinheiro

Idade: 39 anos

[Naturalidade: Lisboa]

Profissão: Educadora de Infância

[Habilitações literárias: Bacharelato]

[Localidade onde a informante aprendeu o texto: Lisboa]

Aprendizagem do Texto: A informante aprendeu o texto na infância; na escola ou com os pais e irmãos. Aprendeu quando era pequenina, quando andava na escola, tinha os professores de música e as amigas

Decorou-o porque o foi repetindo durante a vida e na sua profissão conta-o aos seus alunos, tal como lhe contaram a si quando era criança

Local da recolha: Portimão

Data da recolha: 11/12/2003

Coletora: Ana Paula Capitão-Mor Viegas

Transcrição:

Era uma vez um capuchinho vermelho, era uma menina muito bonita, que tinha uma avozinha que gostava muito dela. E então a avozinha um dia fez-lhe um capuchinho vermelho, uma capinha. E então, pôs-lhe a capinha e gostava muito dela. E ela andava a passear, gostava muito de andar com a capinha. Um dia a avozinha ficou doente. E então a mãezinha dela disse:

- Olha, Capuchinho, vais visitar a tua avozinha que tem, que está muito doentinha. E então vais levar este cestinho com frutas, com bolos, para dar à avozinha e tens que ir com muito cuidado. Não vás pelo bosque, olha que pode aparecer o lobo mau. Vai pela estrada.

Mas o Capuchinho distraiu-se pelo caminho, apanhou uma flor, apanhou outra flor, estava tão distraída, que foi pelo bosque. E de repente apareceu o lobo mau. O lobo mau era muito esperto, e então perguntou à menina:

- Onde é que vais?
- Eu vou visitar a minha avozinha, que está doentinha.
- Ai, é? Eeeeeee... que caminho é que vais levar?
- Ai, eu vou por ali...
- Não, olha, vai por aquele caminho que é mais perto.
- Então, adeus.

E a menina continuou. Foi andando, andando, muito distraída. E o lobo mau que era muito esperto, foi pelo caminho mais perto, ele enganou a menina. E então, estava quase, quase, quase a chegar à casa da avozinha, quando chegou, bateu à porta¹². E a avozinha que estava doentinha na caminha disse:

- Quem é?
- E o lobo mau que era muito esperto fingiu que era a netinha e disse:
- Sou eu a tua netinha.

E a avozinha que estava tão doentinha disse que sim, que ela podia entrar. O lobo entrou, e comeu a avozinha. Ficou com uma barriga muito grande, deitou-se na cama da avozinha, pôs a touca da avozinha e tapou-se. E pôs os óculos da avozinha. E então passado um grande bocado, bateram à porta.¹³

- Quem é?
- Sou eu, a tua netinha.

O lobo mau que era muito esperto, estava a fingir que era a avó, disse:

- Entra, entra.

O capuchinho entrou e ficou muito assustado:

- Ó avozinha, mas tu estás muito estranha.

E a avozinha não disse nada. O Capuchinho perguntou:

- Ó avozinha, por que é que tens umas orelhas tão grandes?
- É para te ouvir melhor.
- Ó avozinha, por que é que tens uns olhos tão grandes?
- É para te ver melhor.
- Ó avozinha, por que é que tens um nariz tão grande?

¹² Na gravação, ouve-se a informante bater com a mão na mesa.

¹³ A informante bate de novo com a mão na mesa.

- É para te cheirar melhor.

- Ó avozinha, e a boca, por que tens uma boca tão grande?

- É para te comer!!!

E o Capuchinho começou aos gritos, aos gritos:

- Socorro! Socorro! Socorro! Acudam-me! Está aqui o lobo mau! Acudam-me!

Socorro!

E ia um caçador a passar, com uma espingarda, muito grande, entrou, e deu dois tiros no lobo mau. Pum! Pum! E o lobo mau caiu. E então, abriram a barriga do lobo mau e tiraram a avozinha. E então a avozinha e o Capuchinho vermelho ficaram muito contentes, muito felizes, e cantaram a canção do Capuchinho:

Pela estrada fora
Eu vou bem sozinha
Levar estes bolos
À minha avozinha.

Ela mora longe
O caminho é deserto
E o lobo mau
Anda aqui por perto.

Logo à noitinha
Ao sol poente
Junto à mamãzinha
Dormirei contente.¹⁴

¹⁴ Esta parte do texto é cantada pela informante.

ATU 425 A, *The Animal as Bridegroom/ O Noivo Animal*

Lado A e B

Cassete nº3/2004/Cláudia Santos

Classificação: Conto maravilhoso

Título: A história do peixe rei

Informante: Maria da Conceição Romeira

Idade: 50 anos

Naturalidade: Luz de Tavira no distrito de Faro

Profissão: A informante trabalhava como cozinheira num Hotel. Neste momento está desempregada

Habilitações literárias: 6º ano de escolaridade

Era a história que a avó lhe contava havia 43 anos.

Local da recolha: Concelho de Olhão

Data da recolha: 28/12/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Era um pescador e vivia (isto era os contos que a minha avó me contava e eu contava aos miúdos depois, já tenho contado aos meus netos. Eu não sei se eram contos ou coisas que se passaram, isso, isso já não posso dizer. Mas a minha avó contava-me esta história, era a história do peixe... como sendo verdadeira). Era um pescador que vivia, que vivia muito pobre, tinha três filhas. E então um dia estava à beira do mar, cheio de miséria e fome, e não, não conseguia apanhar um peixe para dar de comer aos filhos. Pronto, teve, teve, teve, havia um grande luar, era de verão e viu um grande vulto, viu um grande vulto e ouviu uma voz e disse-lhe, ele estava a chorar, e conforme ele chorava aquilo aproximava-se mais e depois disse-lhe:

- Olha, homem, tu tens fome, ó pescador?

- Tenho.

- Traz-me uma das tuas filhas amanhã e eu te darei uma saca de, de moedas de ouro, para que tu possas viver o resto da tua vida com fartura, mas traz-me a mais velha!

Se a mais velha não vier, pois terás de trazer uma delas, mas de preferência eu queria a mais velha.

Disse o peixe. Bom, ele foi para casa, foi chorando, tinham muita fome, ele contou a situação às filhas. E a mais velha disse:

- Eu não vou! Eu não vou! Não sei, não sei, isso pode ser algum monstro do mar e eu não vou.

E diz a do meio:

- Eu também não vou.

E diz a mais nova:

- Eu vou, pai, eu vou. Para te salvar as minhas irmãs e tu, eu vou.

Pronto, foi. Entretanto, pois, ela na noite seguinte, o pai veio e entregou. Entregou, quando viu um lindo barco, mas não viu ninguém. E aquela voz disse-lhe:

- A tua filha que entre neste barco.

E ela entrou. Deu um beijo ao pai, despediu-se e nunca mais o pai conseguiu ver nem barco, tudo desapareceu nas ondas. E foi e seguiu. O pai ficou chorando, mas ficou com a saca e fez a sua vida e comeram e viveram a sua vida. Mas o pai sempre na lembrança daquela filha. O peixe transformou-se num barco, quando chegou, que vinha buscá-la e essa voz disse: - mete a tua filha dentro do barco, para que eu possa desaparecer nas ondas, e tu ficas com a saca de ouro, como tínhamos combinado, a saca de moedas de ouro.

Então, ele entregou a saca de moedas de ouro ao pai da menina e a menina foi pelas ondas fora e depois desapareceu, o pai nunca mais a viu. Começou a chorar o pai, ficou chorando e ela foi. Ela foi andando, andando, andando e quando (é a continuação) ela se apercebeu, chegou, estava um lindo palácio. Ela não se lembra de ter, adormeceu e não se lembra de ter passado por lá, só sabe que chegou ao palácio, quando acordou estava num palácio. E esse palácio tinha criadas para a servir. Serviram-na e disseram-lhe:

- Este é o teu quarto, minha amiga, e tu vais viver no teu quarto e o resto tu própria descobrirás.

Ela foi para o quarto, deitou-se e à meia-noite ouviu uma voz e disse-lhe:

- Eu sou o teu príncipe, estou apaixonado por ti e vou casar contigo, dessa família bendita que eu escolhi para que possa ser teu marido. E ela disse:

- Então, mostra-te, acende uma luz para eu te ver.

E ele disse:

- Não! Não me posso mostrar. Eu amo-te, sente o meu corpo e eu ficarei contigo para sempre.

E ela fez festas ao, ao rei, que era um rei e, e então ficou grávida. Ficou grávida, mas nunca o conseguiu ver. E ele disse-lhe:

- Nunca me conseguirás ver e no dia que me conseguirás ver ficarás destruída.

Então, ela ficava, estava triste porque não conseguia vê-lo. E então ficou grávida de uma menina, mandou, então disse:

- Eu gostava tanto, queria um, queria um desejo rei de mandar uma carta para o meu pai para ele saber o meu paradeiro.

- Então eu te farei a teu gosto – disse o rei.

(Pois, porque era sempre no escuro. A partir da meia-noite ele aparecia sempre no escuro e ela nunca o conseguia ver. Só ouvia a voz dele. E na, na imagem dela, do que lhe fazia festas, ele era lindo! Mas ela nunca o podia ver, se ela o visse ele ficaria, perdia o encanto, perdia o encanto.)

Bom, e então ela vivia triste porque, mas era feliz, porque não lhe faltava nada e sabia, pronto. Bom, então ela casou, fizeram um casamento, ela vestida de noiva tudo, mas a boda foi feita tudo às escuras, porque nunca ninguém o podia ver. Bom, entretanto, ela teve três meninas lindas e ao fim das três meninas, ela disse:

- Meu rei, queria um desejo. Eu queria que tu me levasse a ver meu pai e a minha mãe.

- E então eu gostava de ver então o teu, o teu gosto será feito. A tua vontade será feita.

Então, um dia ela veio, nem se apercebeu, dormiu, quando acordou estava na casa da mãe. Estava na casa da mãe, foi uma alegria, ela a entrar, a mãe sozinha, ela sozinha com as filhas, muito linda e, e a mãe muito contente e o pai e a mãe disse:

- Filha, eu sei que tu não és feliz, conta-me a tua vida.

E a mãe, e a filha contou à mãe que, que tinha três meninas, que não era infeliz, mas que não era feliz a cem por cento, porque não conseguia ver o marido. E então que o marido lhe aparecia todas as noites à meia-noite. Ela estava na casa da mãe e à meia-noite foi lá ter com ela, na casa da mãe. Falou com ela disse que, que estava ali com ela, quantos dias ela queria estar e quando ela pensasse em se ir embora dissesse, que iriam, voltariam para o, para o palácio. À noite, só aparecia à noite. Durante a noite, a mãe

acendeu uma luz, chegou à meia-noite, a mãe como a filha era infeliz e queria que a filha fosse feliz, ela ligou uma luz. E no que ligou uma luz, ele disse:

- Ai, malvada, que me perdeste o encanto!

E ele desapareceu. E disse à mulher:

- A tua mãe destruiu a nossa vida, mas se tu me quiseres encontrar, porque eu te amo, és a mãe das minhas filhas, ainda podes ter a hipótese de sermos felizes. Procura-me que eu estou no palácio das janelas verdes.

E, então, ela coitadinha disse à mãe:

- Nunca mais quero-te ver mãe, destruístes a minha vida, vou-me embora, vou à procura do meu rei, vou à procura do meu rei, o pai das minhas filhas.

Bom, ela foi, pôs-se a caminho. Encontrou uma velhinha (sem rumo, sem rumo, não sabia onde era o palácio das janelas verdes, ela foi sem rumo), então chegou à frente, andou muitos quilómetros a pé e disse:

- Ó minha senhora, a senhora nunca ouviu falar do palácio das janelas verdes? Ando à procura do palácio das janelas verdes.

- Não nunca ouvi, mas tu vais tão cansada, minha filha – disse a velhota – dá-me uma das tuas meninas que eu fique...

- É porque eu procuro o meu marido e eu, e eu – contou a história à velhinha e a velhinha disse:

- Então, vai, minha filha, fazes bem procurar o teu marido, mas dá-me uma das tuas meninas, porque eu fico com as tuas meninas e tu quando voltares, vens aqui à minha casa buscá-las.

E ela acreditou e disse:

- Então, tome lá a minha menina, mas estime-as bem.

E a velhota disse:

- Olha, para tu saberes que eu estimo bem as tuas filhas, levas esta amêndoa, só partes esta amêndoa, quando encontrares o teu marido.

Levou a amêndoa, meteu na algibeira. Seguiu, seguiu, seguiu muitos quilómetros, encontrou um músico, estava cantando com uma viola, estava tocando com uma viola. E disse-lhe assim:

- Ó meu amigo, você nunca ouviu falar no palácio das janelas verdes?

E então, o músico respondeu:

- Não nunca ouvi falar, quero dizer, ouvi falar qualquer coisa, mas não sei em concreto onde fica.

- Olhe, então, eu – ela contou a história ao músico e disse, o músico disse:

- Então, deixe ficar a sua menina, uma das suas meninas, leva duas, deixe ficar uma das suas meninas.

- Então, está bem.

- Tome lá uma bolota, você leva uma bolota, e quando encontrar o seu marido, parte e logo vê. Fique com a bolota, parta a bolota, quando encontrar o seu marido, parta a bolota.

- Está bem.

Seguiu, seguiu, seguiu, mais... muitos quilómetros e encontrou um palhaço. Encontrou um palhaço, estava fazendo ali palhaçadas ali na rua e o palhaço tinha acabado de fazer o serviço, ali a brincadeira com os miúdos e disse assim:

- Onde vais, minha amiga?

- Ando à procura do palácio das janelas verdes. Estou tão cansada, sentei-me agora aqui, porque eu estou tão cansada... - à beira de uma fonte, sentou-se à beira de uma fonte – estou tão cansada, não encontro o palácio das janelas verdes. Onde ficará o palácio das janelas verdes? Não sei do meu marido...

Começou a chorar, só com uma das filhas, começou a chorar, diz-lhe o palhaço:

- Olhe, o palácio das janelas verdes fica a um quilómetro daqui, você vai sempre em frente e quando ver uma grande árvore e muitas janelas verdes, é o palácio das janelas verdes.

Então, diz ela:

- Ai, mas eu não posso ir, ficar com esta miúda ainda, ainda é tão longe.

Diz-lhe o palhaço:

- Deixa ficar a menina, que eu fico com a menina, e você leva esta noz, só parte a noz quando encontrar o seu rei.

- Está bem.

Ela foi sozinha e bateu à porta e diz-lhe a criada lá de cima:

- Quem está?

- Sou eu, minha amiga.

- O que quer? Vem, vem, vem, vem, vem ver se consegue o lugar de criada? Nós precisamos de uma criada, a senhora é...

- Sim, sim é isso! Eu quero o lugar de criada, eu venho trabalhar, preciso de trabalhar.

- Então, já vamos aí abrir a porta, espere um momento.

Esperaram, abriram-lhe a porta, mandaram-lhe entrar, ela foi falar com a chefe, a chefe gostou dela e ela ficou. Sabia que o rei estava lá, mas não podia entrar, nem dizer que era... exatamente, não a deixavam entrar. Então, ela entrou e foi servir, foi trabalhar. Estava trabalhando, viu o marido, aquele que ela tinha visto na claridade e sabia que era o pai das filhas. Viu o marido, bom viu o marido e então disse-lhe assim a chefe:

- Olhe, eu quero tudo em condições, porque o rei vai casar com a rainha e então eu quero tudo em condições, anda sempre limpo, impecável, porque o rei é aquele senhor. E ela viu, ele não a viu, mas ela viu que era o marido, pois mas ele não a viu, ela é que o viu a ele. Pronto, na noite ele estava a dormir e ela infiltrou-se no quarto e à meia-noite ela disse-lhe:

- Eu sou tua mulher, eu gosto de ti...

Ah, mas entretanto, aqui há uma coisa. A velhinha quando lhe deu a noz, a amêndoa, não lhe deu uma, deu-lhe duas amêndoas, o músico deu-lhe duas bolotas e o palhaço deu-lhe duas nozes. Assim é que foi. E então disse-lhe ela:

- À meia-noite, de cada vez, você abre uma noz, sempre que você quiser abre uma noz, abra uma peça – portanto, todos lhe disseram o mesmo, ela tinha que abrir quando ela precisasse, partia... de ajuda... partia uma coisa.

Ela precisou de ajuda e então partiu uma noz e vestiu um lindo vestido branco, um encanto de vestido e foi-se deitar. Foi para o quarto do rei, quando ele estava deitado ela pôs-se para o quarto e apareceu à meia-noite e falou:

- Eu sou a tua mulher, sou a mãe das tuas filhas, quero que não vás casar com a rainha, não faças isso...

Mas ele, todas as noites, a apaixonada dele dava-lhe um sedativo para ele dormir, para que nada o afetasse. E ele dormiu e não a ouviu na primeira noite. Ela fez isto na segunda com outro vestido e fez isto na terceira com o terceiro vestido. E então à terceira noite ele ouviu. Ouviu e ela disse:

- Sou tua mulher, sou mãe das tuas filhas, não podes casar com essa rainha, comigo é que tu tens que casar. Tu já casaste comigo, nós somos casados, mas se não quiseres, se quiseres casar agora nesta terra, porque era muito longe, lá eles viviam fora do mundo, eram, ele vivia no palácio do encanto e agora vivia no palácio da realidade. Porque ele ao passar o mar, o mar ele vivia para além do, do desconhecido e eles agora viviam na realidade. Ela disse:

- Eu quero casar contigo.

Pois o palácio do encanto e o palácio da realidade. E então ele, ela, ele disse-lhe:

- A tua mãe não devia ter feito isso, onde estão as minhas filhas?

E ela disse:

- As tuas filhas estão bem, estão bem entregues.

Então, ela convenceu-o. Convenceu-o e de facto houve um casamento, mas foi com ela. Ele chamou, disse ao pai. O pai dele era verdadeiro no encanto do palácio verdadeiro e ele contou ao pai:

- Meu pai, não posso casar com essa rainha. Tenho de casar com a minha rainha, que é a mãe das minhas filhas.

E, então, o pai disse:

- Sim, filho, se tu queres a tua vontade seja feita. Apresenta-me a tua mulher.

- A minha mulher é a criada.

E então ela apresentou-se e o rei concedeu-lhe o desejo e disse:

- Minha bendita, sejam a minha nora. E onde estão as minhas netas?

E ela partiu a outra amêndoa saltou uma menina. Partiu a bolota saltou outra menina e partiu a noz saltou outra menina. E foram felizes para sempre, o rei, as, as meninas e, e ela. E terminou a história.

ATU 425 A, *The Animal as Bridegroom/ O Noivo Animal*

Lado B

Cassete nº1/2004/Cláudia Santos (Continuação na Cassete nº 2 – Lado A)

Classificação: Conto Maravilhoso,

Título: O Conto do Príncipe Lagarto

Informante: Maria Luísa do Carmo Madeira

Idade: 74 anos (1930)

Naturalidade: Manta Rota, concelho de Vila Real S. António, distrito de Faro

[Profissão: A informante trabalhava no campo na apanha de figos, de amêndoas e da alfarroba]

[Habilitações literárias: 3º ano de escolaridade]

Local da recolha: Concelho de Vila Real de Santo António

Data da recolha: 21/11/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Era um sapateiro que tinha três filhas. E morava em frente de um príncipe. Mas tinha um filho que era um bocadinho fraco de cabeça. E então começou a dizer para o pai:

- Pai, eu quero casar com a filha do vizinho sapateiro, a mais nova.

E o pai respondia-lhe:

- Ó filho, ela não te quer, porque tu és um bocado deficiente.

- Mas eu quero.

Tanto empertinou o pai, que o pai foi estar com o vizinho.

- Olhe, vizinho, tenha lá paciência, mas o meu filho quer casar com a sua filha mais nova.

Diz ela:

- Eu? Não quero!

Diz a do meio:

- Eu também não! Ora, deixa... era o que faltava!

Respondeu a mais velha:

- Não queres tu, quero eu!

Casou com a mais velha. Casou com a mais velha, na noite do casamento deitaram-se e ele matou-a. Matou-a, mas não disse... só disse que ela tinha morrido, claro. (E então, pois... não por nada... são coisas antigas, muito antigas, isto é que é muito antigo, antiquíssimo!). E então foi para o pai chorando no outro dia:

- Ai, pai, a minha mulher morreu, eu quero casar é com a filha do sapateiro, a mais nova.

- Agora, tem o pai, tem que ir estar com o compadre – agora já eram compadres.

- Ai, filho, que vergonha, eu não vou lá!

- Tem que ir, tem que ir, tem que ir!

Lá o pobre do pai, no outro dia, foi, choramingando, disse:

- Ó compadre, o filho quer é a sua filha mais nova!

Diz-lhe ela:

- Eu não, para fazer o mesmo a mim que fez à minha irmã!

Diz logo a do meio assim:

- Não queres tu, quero eu!

Casou com a do meio. Na noite do casamento fez-lhe a mesma coisa. Deitaram-se. O mesmo que tinha feito à outra, fez àquela. No outro dia, foi chorando para o pai.

- Ai, pai, eu quero casar com a filha do vizinho sapateiro, a mais nova.

- Ó filho, tem juízo, está calado, não, não me inquietes! Porque tu já mataste, com certeza mataste-as, as outras duas e agora vais fazer o mesmo.

Mas o pobre do homem lá foi. Envergonhadíssimo, a estar com o compadre.

- Ó compadre, ele teima que quer é a sua mais nova, você agora não tem mais nenhuma?!

Diz ela assim:

- Pois agora quero eu, sim senhor! Vamos a ver se ele faz a mim o mesmo que fez às minhas irmãs.

E, então, casaram. Casaram e ele no outro dia, no outro dia disse para, para a mulher:

- Olha, vou-te rogar uma praga! Manda, manda... se me quiseres ver, tens que ir ao cerro das Cevalas, das Cevalas. E então já sabes, é muito longe.

A rapariga contou ao pai e o pai disse:

- Ai, isso é muito longe, filha! Tens que mandar fazer uns sapatos de ferro, porque senão não andas, não agentas o caminho.

E diz ela:

- Eu vou!

Então, lá se preparou para a viagem e foi. Foi andando, foi andando, foi andando, foi andando, encontrou uma casinha que era a casinha do, do vento. Era a casinha do vento e estava lá a mãe do vento, bateu à porta, veio uma velhota, veio uma velhota e disse:

- Quem é a menina?

- Ó minha senhora, não me sabe dizer aqui onde é o cerro das Cevalas?

Diz ela:

- Ai, menina, sei... mas isso é tão longe, a menina não chega lá. Isso é muito longe.

- Então, deixe-me ficar aqui, dormindo esta noite na sua casa e amanhã de manhã, levantou-me e vou.

- Ai, minha menina, eu não posso, porque o meu filho é muito mau. É o vento e quando vem de lá vem muito mau, fazendo um grande sarrabulho como o vento, parecendo o vento quando é mau.

- Ai, mãe, aqui me cheira – quando vinha, quando ele vinha na rua já vinha... - Ai mãe, aqui me cheira a carne carnal e a sangue real, ponha-me a mesa que eu quero cear!

- Você esconde-me aí por detrás da porta, minha senhora, e ele não me vê.

A senhora teve tanta pena que fez isso à, à, à rapariga. Escondeu-a por detrás da porta. No outro dia o vento foi-se embora e a rapariga continuou a caminhada. Foi andando, andando, andando, andando, chegou à casinha da lua. Chegou à casinha da lua, bateu à porta, veio uma velhota que era a mãe da lua.

- Ó minha senhora, não me sabe dizer aqui onde é o cerro das Cevalas?

Diz ela:

- Ai, sei menina, mas isso é tão longe, tão longe... a menina não chega já lá hoje. Chega já de noite e não pode...

- Então, minha senhora, deixe-me ficar aqui a um cantinho...

- Ai, não posso, minha menina, porque a minha filha é muito má e quando vem quer devorar tudo eu até tenho medo dela.

- Mas veja, já ali atrás me disseram o mesmo, na casinho do, do vento.

- Pois é, pois são todos muito maus!

Mas a mulher teve tanta pena dela que a escondeu. Daí a bocadinho, veio, vem a lua.

- Ai, mãe, aqui me cheira a carne carnal e a sangue real, ponha-me a mesa que eu quero jantar!

- Ai, filha, vem mais devagar, filha!

Depois de encher a barriga à lua, depois de ela ter a barriga cheia, de comer, contou-lhe a história.

- Bem, então e por que é que não a deixou ficar?

- Não que eu tive medo de ti...

A rapariga foi-se embora. Outro dia, meteu-se a caminho, foi andando, foi andando, foi andando, chegou a casa do sol. Ora, o sol entra em todas as casas. Quem entra em todas as casas, sabe o que lá se passa, não é? Então, bateu à porta, veio a mãe do sol, outra velhinha.

- Ai, minha senhora, não me sabe dizer aqui onde é o cerro das Covelas?

- Sei, sim, senhor! Mas ainda ficava um bocado distante daqui.

- Ai, mas todos me dizem o mesmo... já o vento... a mãe do vento me disse o mesmo, a mãe da lua me disse o mesmo, agora a mãe do sol me diz o mesmo... deixe-me ficar aqui escondidinha...

- Ai, mas eu não posso que o, que o meu filho quando vem, você já sabe o que é o sol quente... até queima!

- Ai, minha senhora, mas deixe-me ficar aqui a um cantinho...

Pois teve tanta pena dela que a deixou. Daí a bocado vem o sol.

- Ai, mãe, aqui me cheira a carne carnal e a sangue real, ponha-me a mesa que eu quero cear! (Uns era jantar outros era cear)

Encheu-lhe a barriguinha e contou-lhe o que se tinha passado. Tinha estado ali uma senhora, assim, assim... perguntando assim, assim... e ele disse assim:

- Olhe lá, porque é que não deixou ficá-la? Eu gostava de a conhecer.

- Ai, filho, porque tive medo que tu lhe fizesses mal.

- Eu não lhe fazia mal.

E ela disse-lhe:

- Olha, filho, então eu vou buscá-la, ela está ali. Para tu conversares com ela.

A rapariga veio, teve contando a vida dela toda, o que se tinha passado ao sol. E o sol disse-lhe:

- Olha, não se apoquente. Que amanhã você monta-se aqui nas minhas costas e eu vou pô-la à porta do príncipe, do príncipe, do príncipe...

(Pois... porque era, era, era a Vera a filha do sapateiro, que tinha casado com o filho do príncipe. Pois, a filha do sapateiro, a mais nova, que tinha casado com o filho do príncipe, isto é bem de entender.)

Chegou lá, o príncipe... ah, e em cada casa que ela pousava... numa deram-lhe uma amêndoa, noutra deram-lhe uma noz, noutra deram-lhe uma castanha. E diziam-lhe assim... Quando se visse nalguma aflição, que partisse uma peça daquilo, daquilo, por exemplo, uma, uma amêndoa e que se valia dali, que aquilo valia-lhe. E ela levou aquilo guardado com ela. Chegou lá, o sol pô-la lá à porta e foi-se embora. Foi-se embora e depois ela foi fingindo que ia a pedir trabalho como criada. Então, bateu à porta e veio uma, veio uma criada da, de uma senhora muito rica e disse:

- Ai, minha senhora, chegou agora ali uma senhora a pedir trabalho. É tão linda, tão linda, tão linda...

E ela partiu uma amêndoa, dentro daquela amêndoa saiu um vestido tão lindo, tão lindo, tão lindo, e ela pôs numa corda ao sol o vestido.

- Ai, ela tem uns vestidos tão lindos...

Da noz partiu, veio outro, de cada peça partiu e saiu o seu vestido, cada um mais lindo, mais lindo e estendeu na corda. Vai a criada e diz:

- Ai, minha senhora, ela é tão linda, tem uns vestidos tão lindos... que não queira saber, mas ela quer... pergunta é pelo rei... pergunta é pelo rei, quer conversar com o rei.

Diz a senhora assim:

- Ai, eu gostava de a ver... gostava de a ver...

Bem, na noite quando o rei vinha da caça, que se ia deitar com a mulher, ela escutava as conversas. Escutava as conversas e então, um dia, disse:

- Então – meteu-se na conversa e disse – venho eu de lá tão longe – e ele ia casar no outro dia. Ele ainda não era casado, namorava aquela rainha e ia casar o rei com aquela rainha.

- Venho eu de lá tão longe – disse para a criada – e não aproveito nada do meu trabalho?

Depois, contou à criada o que se passava. E depois a criada combinou com a patroa e disse-lhe assim:

- Ó minha senhora, deixe-a dormir com o senhor príncipe nem que seja uma noite. Antes do casamento, nem que seja uma noite só.

- Ora...

(mudança de cassete)

Já estava tudo na sala reunido para o casamento, estavam os pais dele, estavam as famílias todas, tudo ele chamou, todos, todos os convidados. E ele disse:

- Bem, em vista de eu, de eu me já ir casar hoje, agora vou aqui pedir um conselho às vossas senhorias. Eu tinha um baú e perdi a chave do meu baú. E como não a achei, comprei uma chave nova. Que conselhos me dão os senhores? Que eu fique com a chave nova ou com a chave velha?

E eles todos se levantaram e disseram-lhe:

- Nós aconselhamos que fique com a chave velha, porque já sabe os usos dela. E a nova pode não saber, pode sair boa, pode sair ruim.

Então, pegue o senhor na sua filha que eu fico com esta rapariga, que esta é que é a minha mulher. O conto acabou-se e o cu chamuscou-se! Dizia-se, dizia-se... acrescentava mais um bocadinho: eu calcei uns sapatos, com umas solinhas de alcatrão, agarradas ao chão, não sei quê, não sei quando... também diziam para ali mais qualquer coisa...¹⁵

¹⁵ A informante acaba sempre assim os contos.

ATU 700, *Thumbling/ O Bago de Milho*

Lado B

Cassete nº2/2003/Ana Isabel Fernandes

Classificação: Conto maravilhoso

Título: História do baguinho de milho

Informante: Ana Sofia Charrua Pinheiro Serrano

Idade: 19 anos

Naturalidade: Alvito, concelho de Alvito, distrito de Beja

Profissão: Estudante

Aprendeu com o pai, no Alentejo

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 06/01/2003

Coletora: Ana Isabel Ledesma Fernandes

Transcrição:

Sei também uma história do baguinho de milho que... que foi... que contavam ao meu pai, quando ele era mais pequeninito, o meu avô e era assim:

Era uma senhora que não tinha filhos e pedia a Deus que lhe desse um filho, nem que fosse do tamanho de um baguinho de milho. E assim foi. Um dia Deus fez-lhe a vontade. Deu-lhe um filho e era do tamanho de um baguinho de milho. Um certo dia, o pai e a mãe foram trabalhar para o campo e levaram dois bois. Estava mesmo muito frio e a mãe não sabia onde pôr o baguinho de milho para o proteger do frio. Até que resolveu pôr o baguinho de milho dentro de, de uma couve. Mas veio de lá o boi Morgado e comeu a couve, onde estava o baguinho de milho. Então o boi, o boi Morgado... da barriga do boi dizia:

- Ó pai, mate o boi Morgado, que eu ganho para três ou quatro! Ó pai, mate o boi Morgado, que eu ganho para três ou quatro!

E o pai matou. E pronto, ficaram felizes para sempre.

ATU 780 B, *The Speaking Hair/ O Figuiho da Figueira*

Lado A

Cassete nº1/2004/Cláudia Santos

Classificação: Conto maravilhoso

Título: [Os três figuinhos]

Informante: Maria Luísa do Carmo Madeira

Idade: 74 anos (1930)

Naturalidade: Manta Rota, concelho de Vila Real S. António, distrito de Faro

[Profissão: A informante trabalhava no campo na apanha de figos, de amêndoas e da alfarroba]

[Habilitações literárias: 3º ano de escolaridade]

Local da recolha: Fonte Santa, Vila Nova de Cacela, Concelho de Vila Real de Santo António

Data da recolha: 21/11/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Era uma vez um casal que um menino e uma menina. E o pai era pescador e o pai ia para o mar e a mãe ficava em terra, com as crianças, claro. E tinham um quintal, com uma figueira que tinha três figos. Só tinha três figos. E a mãe foi às compras e disse:

- Maria, não comas os figos da figueira.
- Está bem, mãezinha.

Mas tinha lá uma vizinha, que era muito gulosa e meteu na cabeça que tinha de comer os figos da vizinha, porque os figos, vinham-se aos olhos, eram lindos. E então pensou em enganar a Maria e foi-lhe lá pedir uma brasinha de fogo.

- Ó Maria, tens aí fogo?
- Tenho, sim, vizinha.
- Dá-me aí uma brasinha de fogo.

Enquanto a menina foi buscar o fogo, a vizinha papa-lhe um figo. Volta-se a vizinha para trás e diz-lhe assim:

- Ó Maria, tem lá paciência, filha, olha o vento apagou-me o fogo. Dá-me lá aí outra brasinha.

A menina coitadinha, inocente, foi buscar outra brasinha. A vizinha papa-lhe o outro. Já só ficou um. Depois foi, foi, foi, daí a bocadinho, veio diz-lhe ela assim:

- Ah, o fogo este está tão mortiço não sei porquê... ó mulher dá-me lá aí outro, olha se se apagar este já não venho mais vez nenhuma.

A menina lá foi buscar o outro, a brasinha, ora a outra comeu-lhe o outro figo. Bem, quando a mãe veio da praça, foi ao quintal e disse:

- Maria, e os figos da figueira?

- Ai, não sei, mãe.

- Não sabes não! Os figos não estão na figueira, foste tu que os comeste.

- Ai, mãezinha – começou a chorar – eu não fui, só se foi a vizinha, que ela veio aqui pedir uma brasinha de fogo...

- Não te estejas a desculpar nem com vizinhos, nem com vizinhas!

E, então, o que fez? Ela era tão má, a mãe, que fez uma cova, no quintal, enterrou a menina vestida, enterrou-a, viva. Quando o pai veio do mar, trazia um peixe muito grande, um safio, e disse assim:

- Olha, temos aqui uma bela caldeirada para fazer para o almoço.

Mas dos cabelos da menina nasceu salsinha. E a mulher respondeu:

- Ó marido, olha calha bem, temos uma salsa muito linda ali no quintal para se fazer o guisado do safio, calha muito bem. Vai-te lá, António – que era o irmão - apanhar o raminho de salsa.

O menino foi, ao puxar pela salsa ouviu uma voz:

- Ai, mano, não me puxes os meus cabelinhos, que a mãe matou-me por três figuinhos!

O menino todo se assustou e disse:

- Isto é a voz da minha irmã.

Foi para casa e disse:

- Eu não dou a salsa apanhada. Vão vocês – e não contou mais nada.

Foi o pai buscar a salsa, foi o pai buscar a salsa e puxou e ouviu a mesma voz:

- Ai, pai, não me puxes pelos meus cabelinhos, que a mãe matou-me por três figuinhos!

- Isto é a voz da minha filha.

Mas ele antes, ainda deixou um bocadinho atrás, quando veio do mar, perguntou logo pela filha. E ela deu uma desculpa, disse que a filha tinha ido para a serra para a casa das avós. Depois, o marido disse para a mulher:

- Olha, lá vai lá tu apanhar a salsa que eu também não dou a salsa arrancada.

(Exatamente, a maldade estava nisso... - diz a informante) Então vai, mas já foram os três juntos depois... ela vai puxar pela salsa e voz responde:

- Ai, mãe, não me puxes pelos meus cabelinhos, que você matou-me por três figuinhos!

Diz o pai assim:

- Então, é aqui que está a nossa filha enterrada? Tinha então ido para a serra para a casa da avó!

Desenterrou a menina, lavou-a, limpou-lhe os olhinhos, penteou-a vestiu-a, aconchegou-a. Disse para o menino:

- Vai lá buscar uma enxada que está lá no, lá nas arrecadações.

Abriu uma cova mais funda e disse:

- Agora metes-te tu aqui!

E meteu lá a mulher e enterrou a mulher. E o conto acabou-se e o cú chamuscou-se [Risos].¹⁶

Informante: São muito antigos, muito antigos, já me contavam os meus pais...

¹⁶ A informante acaba sempre assim os contos.

Subgénero

Contos jocosos

ATU 1215, *The Miller, His Son, and the Donkey/ O Velho, o Rapaz e o Burro*

Lado A

Cassete nº3/2004/Cláudia Santos

Classificação: Conto jocoso

Título: A história do homem e do burro

Informante: Maria da Conceição Romeira

Idade: 50 anos

Naturalidade: Luz de Tavira no distrito de Faro

Profissão: A informante trabalhava como cozinheira num Hotel. Neste momento está desempregada

Habilitações literárias: 6º ano de escolaridade

Aprendeu com a avó

Local da recolha: Concelho de Olhão

Data da recolha: 28/12/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Havia um homem que disse um dia:

- Olha, filha, olha filho – disse para o filho – a gente agora vai correr o mundo, vamos tentar compreender as pessoas. Pega lá no burro.

Saíram com o burro, foram andando. Foram andando, pegou-se nele, meteu o filho em cima do burro, o filho tinha para aí doze anos, meteu o filho em cima do burro.

Foi andando, andando, andando, começam as pessoas na rua:

- Olha lá aquilo, vai o pai a pé e vai o filho em cima do burro.

- Bom, ó filho tira-te lá de cima do burro. Agora vou eu no burro.

Pôs-se em cima do burro, dizem assim as pessoas:

- Olha, lá vai o mocinho a pé e vai ele em cima do burro.

- Tira-te lá do burro, vou tirar, vou-me tirar de cima do burro.

Tirou-se de cima do burro. Foram os dois a pé e o burro sozinho.

- Tal é aquilo, agora vai o burro sozinho, vai o burro a pé e vão eles os dois.

Bom, o que é que acontece? Chegou a uma certa altura que eles agarraram com o burro ao colo. E dizem as pessoas assim:

- Olha lá aquilo, os parvalhões, agora não vão com o burro ao colo?

Diz o filho para o pai e o pai para o filho:

- Olha, filho, viemos tentar compreender o mundo, mas não se compreende o mundo, faz a vida à nossa maneira e o mundo que se lixe! [Risos]

ATU 1354, *Death for the Old Couple/ A Morte e o Casal de Velhos*

Lado A

Código: Cassete nº1/2004/Daniel Costa¹⁷

Classificação: Conto jocoso

Título: A história da morte pelada

Informante: Olívia Galante

Idade: 45 anos

Naturalidade: Porto

Aprendeu com o avô e a mãe

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 25/04/2004

Coletor: Daniel Gonçalo Batalha da Costa

Transcrição:

Havia uma mulher que, que jurava grande amor ao marido e tanto amor tinha àquele homem que até queria forçosamente morrer primeiro do que ele. E o homem andava todo contente porque tinha uma mulher que gostava imenso dele, e vaidoso da, da mulher que tinha, ia comentando com os vizinhos que a mulher gostava muito dele, que a mulher era capaz de tudo por ele, até passava a vida a pedir que Deus a levasse primeiro. E a vizinha que sabia que aquilo era assim um bocado enfim... conversa, disse-lhe:

- Ó vizinho, o vizinho acredita nisso? Ah! Olhe que se calhar as coisas não são bem assim. O vizinho vá para casa e espere que eu já, eu já vou ver como a gente vai desmascarar o caso.

E o homem lá foi. Ah, ainda lhe recomendou a vizinha:

- Ah, diz, diz, diz à tua mulher que anda por aí uma morte pelada, que em casa onde entra morte penada, morre gente na certa.

E o homem também um bocado já desconfiado da conversa da vizinha, sempre resolveu e foi para casa. Chegou a casa e diz à mulher:

¹⁷ Na gravação e no código da cassete, o coletor diz, por engano, Olívia Galante e não Daniel Costa.

- Sabes, anda para aí uma morte pelada que é uma coisa! Casa onde entre aquilo, ai, mulher morre gente pela certa!

E a mulher lá voltou ao mesmo.

- Ai, meu homem, se tiver que entrar uma coisa dessas que morra eu primeiro, que morra eu primeiro! E entretanto rebenta um grande barulho e eis que entra algo vivo, mas todo depenado, que é a vizinha, que o tinha lançado pela janela adentro. Assim que o homem viu aquilo apercebeu-se que era... aquilo que a vizinha tinha tramado e escondeu-se atrás de um, de um balcão. E a mulher assim que viu o bicho entrar, como a morte era pelada, e aquilo era um galo depenado, virou-se para o bicho e dizia:

- Ai, morte pelada, ai morte pelada, a mim não, a mim não, leva o meu homem que está ali escondido atrás do balcão! [Risos]

E o pobre coitado logo se, logo se apercebeu que afinal que tanta, tanta vaidade que tinha na mulher, não havia razão, o que fez? Deu-lhe uma sova muito grande e nunca mais voltou a acreditar nela como até aí tinha acreditado.

ATU 1375, *Who Can Rule His Wife?/ Quem Manda na Mulher?*

Lado A

Código: Cassete nº 2/2004/Daniel Costa¹⁸

Classificação: Conto jocoso

Título: [A dona lá de casa]

Informante: Olívia Galante

Idade: 45 anos

Naturalidade: Porto

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 23/02/2004

Coletor: Daniel Gonçalo Batalha da Costa

Transcrição:

O que vou contar é uma história contada pelos, pelos meus avós quando eu era pequena, e muitas vezes também repetida pela minha mãe.

Portanto, numa dada freguesia, havia um abade que tinha por costume, nas homilias feitas após o evangelho, de dar ensinamentos ao povo. E então esse padre dizia que não havia na freguesia ninguém que não andasse ao mandado das mulheres. Portanto, dizia ele que em toda a freguesia as mulheres é que mandavam nos homens, os homens não eram verdadeiros homens. Portanto, costumava dizer que lá na casa deles podia mais a galinha do que o galo. E fez um repto a todas as pessoas, que se por acaso alguém, algum homem daquela freguesia se achasse digno de se poder dizer que não andava ao mandado da mulher, que fosse ter com ele, porque ele lhe daria nozes. Ora um dos, dos presentes, um homem, tinha por, por hábito gritar, ralhar, e lá em casa dele ninguém abria o bico, era ele que mandava, era ele que fazia tudo, e pensou... e quando chegou cá fora da igreja, disse:

— Ah! As nozes já são minhas! O caso está ganho. Vou lá eu, porque ninguém na freguesia pode dizer que alguma vez eu ando ao mandado da minha mulher.

¹⁸ Na gravação e no código da cassete, o coletor diz Olívia Galante e não Daniel Costa. Ver texto nº 58.

Bem, passado um bocado, apareceu na sacristia para falar com o abade. E diz ao abade:

— Bem, como o senhor padre sabe, ninguém na freguesia poderá alguma vez dizer que eu, que ando ao mandado da minha mulher, pois toda gente sabe que lá em casa é o galo que canta.

E, entretanto, tirou um saco. Tirou um saco e pegou no dito saco para encher de nozes. E o abade olhou para o saco e achou o saco assim relativamente pequeno, achava uma coisa pequena, e disse:

— Então, homem, tu não tinhas lá um saco maior para trazer?

E o homem respondeu:

— Ah, eu até tinha, mas a minha Maria disse para não trazer, que parecia mal se trouxesse um saco muito grande.

Desata... O padre tira-lhe o saco das mãos, põe as nozes fora e disse:

— Ah, seu malandro, querias-me enganar? Então lá em casa sempre canta a galinha!

E era esta a história que eu queria contar.

Cardigos 1541* B, *A Servant Named Peter/ Um Rapaz Chamado Pedro* + ATU 1358 C, *Trickster Discovers Adultery: Food Goes to Husband Instead of Lover/ O Espertalhão Descobre o Adultério: A Comida Vai para o Marido em vez de Ir para o Amante*

Lado B

Cassete nº3/2003/Elisabete Reis

Classificação: Conto jocoso

Título: A história do Pedro e [sic] malasartes

Informante: Joaquim Mendes Martins

Idade: 72 anos

Naturalidade: Maceira (Alte), concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Foi moleiro

Habilitações literárias: Frequentou a escola (tem a 4ª classe)

Local da recolha: Mesquita (Tôr), Concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 03/01/2003

Aprendeu com os avós e os amigos

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Havia um patrão que tinha falta de um criado e disse para a mulher:

- Olha! Vou à aldeia a ver se encontro um rapaz que queira trabalhar.

E então foi. Pôs-se a cavalo do cavalo e lá foi. Chegou à aldeia e encontrou um rapaz e diz ele assim:

- Ó rapaz, queres-te ajustar comigo?

- Ajusto-me.

- Então como é que tu te chamas?

- Sou o Pedro (porque a mulher tinha-lhe dito que não trouxesse Pedros que os Pedros não eram bons).

E, então, ele disse:

- Bom, toca a andar à procura de outro.

E o rapaz dá uma volta quando ele soube, estava na frente dele outra vez e diz ele assim:

- Ó rapaz! Queres-te ajustar comigo?

- Ajusto-me.

- E então como é que tu te chamas?

- Sou o Pedro.

- Ai, Pedros não levo que a minha mulher avisou-me logo para não levar Pedros!

Bom, eu abalei. Fui dar a minha volta a ver se encontrava mais algum. Ele deu uma volta por outra, por outra, por outra rua quando eu soube estava ele na minha frente¹⁹ e diz ele:

- Eh, rapaz! Queres-te ajustar comigo?

- Ajusto-me.

- Então como é que tu te chamas?

- Sou o Pedro.

- Ai, eu Pedros não levo.

Disse assim:

- Se o senhor não levar Pedros não leva mais nenhum que aqui é tudo Pedros.

Então lá o trouxe. Trouxe o Pedro, mas o Pedro quando chegou a casa ouviu fala lá para um quarto e pôs-se à escuta e viu que era o senhor prior que estava lá mais a patroa, combinando que ela matava um peru no outro dia e ela ia levar o peru aonde andava lavrando. E ele disse:

- Olha! Eu lavro com uma vaca branca assim neste sítio assim, assim. E tu vais lá levar o peru para a gente comer ao meio dia, mas o Pedro saiu de lá e veio e disse ao patrão:

- Olhe, patrão! Temos um boi doente.

- Então o que é que a gente há de fazer para lavar amanhã?

- Está um remédio bom. O patrão não diz nada à patroa e consegue tirar um lençol e a gente leva o lençol para embrulhar o boi no lençol que é para, que é para o boi poder trabalhar.

Bem, lá levaram o lençol, chegaram ao trabalho, prenderam o boi no arado e embrulharam o boi no lençol. Bem veio o meio-dia quando eles souberam, estava a patroa com o peru arranjadinho lá no trabalho diz o homem:

¹⁹ Ao narrar o conto, como vemos, este informante parece que veste a pele da personagem Pedros.

- Então, mulher, mandaste o jantar e agora vens levar o jantar à gente:

- Ah! Tu sabes? Andava lá um peru em casa, não saía de casa peguei numa vassoura, joguei-a e matei o peru e arranjei-o e trago aqui para a gente comer.

- Ora, e a gente come!

Bem, sentaram-se para ir comer o peru e viram andar uma vaca branca lavrando lá em cima diz ela para o marido:

- Quem é que anda além lavrando?

- Pois é o senhor prior, o compadre.

- Ah! Se tu quisesses chegavas além e dizias para ele vir comer peru com a gente.

- Ai, eu não vou! Diz ao Pedro que o Pedro vai.

- Ai, também não vou!

- Vai Pedro.

- Só se me derem figos com bolotas.

Lá lhe deu os figos com as bolotas. O Pedro lá foi e chegando a uma distância do padre ia deixando um figo aqui, outro figo mais à frente, uma bolota mais à frente outro figo mais à frente. E então chegou ao pé do padre e disse:

- Olhe, senhor prior, vá-se embora quanto mais depressa melhor! Que o meu patrão já sabe que você que é amigo da patroa e se eu chego além e ele além está, você ainda aqui está e ele vem a caminho de você.

E então o padre ficou... não sabia o que havia de fazer. Mas o Pedro voltou-se e chegou ao pé da patroa e do patrão e diz-lhe ela:

- Então, que é o senhor prior disse?

- Disse que não confiava em moços, se o patrão tivesse ido...

- Bom, eu não te disse para tu ires!?

O homem lá abalou, coitado! Lá foi e antes de chegar ao pé do padre começa a ver, a ver figos no chão e começou a apanhar os figos, o padre a olhar e ele apanhava um figo aqui apanhava outro figo além e diz o padre assim:

- Já o malandro já vem apanhando pedras!

E, depois, deu em fugir e foi-se embora. Bom e ele a dizer:

- Ó compadre, não fuja que eu não lhe faço mal!

Mas ele não confiou, fugiu à mesma. Bem ele voltou e antes quando ele ia chegando ao pé do padre. E o Pedro disse para a patroa:

- Olhe, patroa, vá-se embora que o patrão já sabe que você que é amiga do padre, e se ele agora chega além dá uma abada no padre e depois vem a caminho de si e você leva também!

- Então, o que é que eu hei de fazer, Pedro?

- Vá-se embora para casa.

Bem, a patroa abalou foi-se embora. E o Pedro começou a comer o peru sozinho. Bem o patrão, o padre fugiu, voltou para trás.

Chegou ali, diz o Pedro para o patrão:

- Olhe, patrão, estiveram aqui os guardas à sua procura!

- Mas para quê?

- É que você matou a burra e eles agora querem-no prender e daqui a bocadinho estão aqui outra vez.

Bem diz ele:

- Então, o que hei de fazer, Pedro?

- Meta-se aí dentro desse silvado.

Ele lá fez um buraco, lá conseguiu entrar para dentro do silvado. Não demorou, chegaram ali uns caçadores e dizem assim:

- Então, menino, não viste para aí algum coelho?

- Olhe, não há nada de tempo meteu-se um ali dentro daquelas silvas!

Vá pedras para dentro das silvas, vá os cães. O homem viu-se lá tão apoquentado, sai de lá para fora e diz:

- Ai, senhores guardas, tenham paciência, mas eu matei a burra, mas a burra era minha!

ATU 1653, *The Robbers under the Tree/ Os Ladrões debaixo da Árvore* + ATU 1775, *The Hungry Clergyman/ O Padre Esfomeado*

Lado A

Cassete nº2/2004/Cláudia Santos

Classificação: Conto Jocosos

Título: O conto do Pedro Malasartes

Informante: Maria Luísa do Carmo Madeira

Idade: 74 anos (1930)

Naturalidade: Manta Rota, concelho de Vila Real S. António, distrito de Faro

[Profissão: A informante trabalhava no campo na apanha de figos, de amêndoas e da alfarroba]

[Habilitações literárias: 3º ano de escolaridade]

Local da recolha: Concelho de Vila Real de Santo António

Data da recolha: 21/11/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Era uma vez o senhor Prior e o Pedro Malasartes, que o Pedro era o sacristão. E um dia o Pedro tinha a mãe já muito velhinha e o senhor Prior disse-lhe assim:

- Ó Pedro, tu queres ir comigo à serra? Convidaram-me para um casamento...

Diz ele:

- Ai, senhor Prior, não posso por causa da minha mãe, está muito velhinha...

- Ora, a tua mãe dá-lhe banho, compras-lhe um rebuçadinho, pões-lhe na boca, deixa ali sentadinha por detrás da porta e a gente vai e vem cada um no seu cavalo.

E ele:

- Está bem, vamos...

Foram andando, andando, andando, mas aquilo era mais longe do que eles pensavam e não levaram comida e estavam cheios de fome. E depois, o que é que eles pensaram em fazer? Pernoitaram debaixo de uma, de uma, ataram os cavalos e pernoitaram de baixo de uma, de uma árvore. Quando viram ao longe um grande grupo

de ciganos ou ladrões. Treparam para cima da árvore e ali passaram a noite. E os ladrões puseram-se a fazer umas papas de milho para jantar.

- Ai, que boas! Ai que boas!

E dizia um assim:

- São, são tão doces falta-lhe uma pedrinha de sal.

Dizia-lhe o Pedro assim que era muito velhaco:

- Ó senhor Prior, mesmo agora mijo dentro das papas, que o mijo é salgado... parece água...

- Ai, Pedro, não faças isso! Que eles olham para cima e veem a gente e matam a gente! Não faças isso!

- Faço!

O Pedro tira a gaita, mija dentro das papas, o mijo é salgado:

- Ai, que boas, ai que boas...

Provaram, dizem, ele assim:

- Ai, agora só me faltava aqui mais um bocadinho de tempero, parece que não têm muito tempero...

Diz o Pedro:

- Eu desço as calças e sujo-lhe dentro!

- Ai, Pedro, não me faças isso, por amor de Deus! É então que eles matam a gente! Olham para cima e matam a gente!

E tinham levado a porta, quando deixaram a velha por detrás da porta, tinham levado a porta com eles. Daí a bocado, estavam contando o dinheiro, enquanto as papas arrefeciam os ladrões, eram ladrões. Diz um ladrão assim:

- E se agora Nosso Senhor deita-se aqui um terramoto o que é que a gente fazia?

Uns diziam:

- Eu fugia!

Outros diziam:

- Eu ficava!

- Então e o dinheiro?

Diz o Pedro assim:

- Ó senhor Prior, mesmo agora deito a porta abaixo. É o terramoto.

- Ai, homem, não faças isso! Então é que eles olham para cima e veem a gente e matam a gente!

O Pedro que era muito devagar, catrapuz porta! Morreram uns, outros fugiram, eles arrebanharam aquele dinheiro todo e ficaram ricos com aquele dinheiro dos ladrões, meteram-se a caminho nos cavalos. Mas nada de comida, cheios de fome. Foram andando, andando, andando, andando, encontraram um homenzinho apanhando figos numa figueira. Diz o senhor Prior para o Pedro:

- Ó Pedro, vai-te lá além àquele homenzinho e diz-lhe que é para o senhor Prior da freguesia, que me leve um cesto de figos. Toma lá dinheiro.

Deu o dinheiro ao Pedro, mas o Pedro era muito velhaco, chegou lá e disse assim:

- Olhe, o senhor Prior da freguesia manda eu pedir se o senhor lhe quer vender um cestinho de figos?

Diz ele:

- Sim, senhor! Para o senhor Prior da freguesia não vendo, mas dou.

E deu-lhe, mas o Pedro ficou com o dinheiro. E chegou... não... e ele comeu os figos no caminho. Certo? Comeu os figos no caminho, ficou com o dinheiro e chegou ao pé do padre e disse:

- Ai, senhor padre, o senhor disse que tinha, mas que era para o gasto dele que não vendia.

E o Pedro com a barriga cheia e o padre cheio de fome. Foram-se embora que eles iam para o casamento, para o tal casamento. Foram andando, andando, andando, andando, viram uma mulher tirando o pão do forno. Diz o senhor Prior:

- Ó Pedro, vai-te além àquela mulher, por amor de Deus, que me venda um pão, diz que é para o senhor Prior da freguesia, que há três dias não come nada!

Lá foi o Pedro, lá levou o dinheiro, fez, fez a mesma fita que fez com os figos.

- Olhe, o senhor Prior manda pedir se a senhora vender um pão que é para o senhor Prior da freguesia que já há três dias que não come, que andamos em viagem.

- Ai, para o senhor Prior da freguesia não vendo, mas dou.

O Pedro fica com o dinheiro, come o pão, chega ao pé do padre e diz-lhe:

- A senhora diz que é para o gasto da casa, tem muita gente não pode vender pão.

O Pedro sempre com a barriga cheia e o padre sempre cheio de fome. Chegaram ao casamento, que aquilo era no outro dia, e então fizeram umas boas camas para eles se deitarem e estavam uns alguidares de massa, amassado para fazerem bolos. E o senhor Prior diz assim:

- Mas que fome tão grande que eu tenho.

Diz-lhe o Pedro:

- Olhe, vá além àquele alguidar, meta as mãos, tire um bocado de massa, amasse, ponha ali no borralho e coma.

E o padre assim fez. O borralho? O borralho é brasas de fogo... pois... o padre assim fez, mas ficou com as mãos sujas e não tinha água para se lavar. Chegou a hora de irem os convidados para a mesa, o padre puxou assim as mãos, a roupa das mangas para tapar as mãos para não verem a massa. Todos comeram e o senhor Prior não comia. Todos diziam:

- Mas o senhor Prior não come, coma senhor Prior!

- Não tenho vontade...

Coitadinho... já havia quase uma semana que não comia... não tinha vontade... não queria era mostrar as mãos que estavam cheias de massa.

- Coma, senhor Prior!

- Não tenho vontade...

E havia lá uma velha, tinham lá uma velha lá, que dormia com uma camisa de dormir branca, naquele tempo, daquele pano, paninho branco, que se faziam... e diz-lhe o Pedro assim (Pedro só fez maldades ao senhor Prior):

- Olhe, senhor Prior, ali no quintal está uma pedra de lavar. Você, mas está lá um pote com água, você mete as mãos dentro do pote e lava lá as mãos. Lava as mãos. E depois já, já, já come.

O homem foi, meteu as mãos, meteu-as, mas não as deu tiradas... veio chorando para o Pedro:

- Ai, Pedro, o conselho que tu me deste, agora não dou as mãos daqui tiradas!

A velha estava-se lavando em camisa de dormir no quintal com a camisa branca alvejada e o Pedro para enganar o senhor Prior disse:

- Olhe, vá ali ao quintal, está ali uma pedra de lavar e você bate com o pote em cima e o pote parte-se e você tira as mãos.

A pedra, aquilo era a velha! Bate o senhor Prior com o pote em cima da velha, começa a velha:

- Ai, ai, ai que me mataram! Ai, ai, ai que me mataram!

A gritar, a gritar, que a tinham matado... [Risos] que a tinham matado... depois deitaram-se. O velho, o senhor Prior sem comer nada. Diz o Pedro assim... ah, e o

Pedro como tinha comido muito só deixava bufas, toda a noite se bufou. E o senhor Prior dizia-lhe assim:

- Não assopres, Pedro, que isso está frio, o arroz está frio.

Porque o Pedro tinha-se levantado a comer restos do arroz doce na noite. Pedro, ele era um esperto, comia tudo e ele ficava sem nada.

- Não assopres – deixava a boca... dizia – não assopres, Pedro, que o arroz está frio!

Não assopres Pedro que o arroz está frio. O Pedro encheu a barriga, foram e vieram e o senhor Prior em jejum, não comeu nada desta vida e o outro encheu-se de tudo quanto havia de melhor. E então assim se acabou o conto.

ATU 1685, *The Foolish Bridegroom/ O Noivo Tolo* + ATU 1696, “*What Should I Have Said (Done)?*”/ *O Que é que eu Devia ter Dito (Feito)?*

Lado B

Cassete nº3/2003/Elisabete Reis

Classificação: Conto jocoso

Título: A Marilabaixo

Informante: Joaquim Mendes Martins

Idade: 72 anos

Naturalidade: Maceira (Alte), concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Foi moleiro

Habilitações literárias: Frequentou a escola (tem a 4ª classe)

Aprendeu com os avós e os amigos

Local da recolha: Mesquita (Tôr), Concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 03/01/2003

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Havia uma senhora que não tinha filhos e então adotou um afilhado e então tinha o afilhado lá em casa. Criou o afilhado e um dia o afilhado era já rapaz já homem disse para ele:

- Olha, afilhado, tu tens de pensar em casar! Tens de pensar em arranjar uma rapariga que isso é tempo.

- Ah, madrinha, mas eu não sei, não sei falar com as raparigas, não sei o que lhes hei de dizer!

- Olha, joga-se uma rabanada de olhos.

Quando ele andava com as cabras tirou os olhos às cabras e meteu os olhos na, na algibeira do casaco e quando chegou lá, andava lá um baile na casa da rapariga, andava um baile e ele então lá de dentro do baile tirava os olhos da algibeira assim às mãos cheias e jogava e dizia assim:

- Lá vai de olhos!

E os olhos batiam nas caras das raparigas. Era uma porcaria. Ele tirava outra mão cheia de olhos, jogava: - E lá vai de olhos! – Ora, foi, foi, foi ele teve que levar lá umas ripadas e fugiu foi-se embora. Chegou a casa disse para a madrinha, diz-lhe a madrinha:

- Então, afilhado, e que tal?

- Olhe, madrinha eu cheguei lá, andavam a bailar eu comecei a jogar olhos para cima e dizia “lá vai de olhos!” e elas zangaram-se comigo e bateram-me.

- Ai, afilhado, tu és parvo! Não se fazia isso. Isso chamava-se uma rapariga e dançava-se e levava-se uma flauta e tocava-se.

E ele:

- À outra vez logo faço isso!

Bem, à outra vez foi, entrou lá, chegou lá estava a velhota morta em casa. Oh! Puxa pela flauta e vá de cantar, e vá de tocar e vá de bailar, dizem eles assim:

- Mas este, este tipo está maluco!

Então, chegaram-lhe um par de ripadas e ele foi-se embora outra vez. Chegou a casa diz-lhe a madrinha:

- Então, afilhado, e que tal? Hoje foi melhor?

- Pior! Estava a velhota morta peguei na flauta, comecei a tocar e a bailar. Olhe bateram-me!

- Ai, afilhado, isso não se fazia! Rezava-se um Pai-nosso pela alma do defunto.

- À outra vez logo faço isso!

À outra vez foi estavam eles de morte de porco. Chegou ao pé deles e começa a rezar um Pai-nosso pela alma do defunto. Bom! Já se sabe que as coisas não correram bem e Chegaram-lhe um par de chapadas e ele veio-se embora. Veio para casa:

- Então, afilhado e que tal hoje foi melhor?

- Ó não! Foi pior. Estavam matando o porco fui rezar um Pai-nosso pela alma do defunto bateram-me.

- Ai, afilhado, isso não se fazia! Dava-se uma palmada em cima do porco e dizia-se assim: “um cento em para deste!”

- Bom, à outra vez logo faço isso!

À outra vez foi estava o velhote com um grande bichoco na perna e ele prega-lhe uma palmada em cima do bichoco e diz-lhe assim:

- Um cento em para deste!

Ora, já se sabe que não basta as dores que ele tinha já ainda lhe bater em cima do bichoco. Lá levou mais um par de ripadas, lá se foi embora. Chegou a casa diz-lhe a madrinha:

- Então, afilhado, e hoje foi melhor?

- Ai, pior ainda! O velhote tinha um grande bichoco na perna e dei-lhe uma palmada em cima e disse “um cento em para deste”. Olhe, bateram-me!

- Ó afilhado, isso não se dizia! É melhor dizer: “olhe uns sequem-se, outros não nasçam, aí te seques, aí te mirres e daí não passes”.

- À outra vez logo faço isso!

À outra vez foi andavam eles dispondo uma vinha, diz ele, começa ele à ponta da vinha:

- Umás sequem-se e outras não nasçam, aí te seques, aí te mirres e daí não passes!

Ora, a família chegaram-lhe mais, vá mais. E ele veio-se embora chegou a casa:

- Então, afilhado e que tal?

- Ora, andavam dispondo uma vinha e disse eu “umas sequem-se outras não nasçam, aí te seques, aí te mirres e daí não passes!”

- Olha, afilhado, isso não se fazia! Dizia-se assim “olhe, daí comas, daí bebas, daí pagues a quem devas!”

- Bem, à outra vez logo faço isso!

À outra vez foi vinha uma com um, um penico para a rua diz ele assim para ela:

- Daí comas, daí bebas, daí pagues a quem devas!²⁰

Ora, lá levou mais um par de chapadas lá se veio embora. Mas aquilo não, não teve emenda. E sempre conseguiu casar com a Marilabaixo. E então um dia diz-lhe a madrinha assim:

- Olha, afilhado, então tu casaste ainda não foste ver o teu pai. Vais à casa do teu pai hoje.

Lá pegou num burro que lá tinha e lá foi para casa do pai. Depois o pai deu-lhe uma, uma carga de palha e uma agulha e então carregou a carga de palha e lá vem para casa da madrinha. Chegou, diz ela:

- Então, madrinha [afilhado], foste ver o teu pai o que é que ele te ofereceu?

- Ah! Deu-me uma carga de palha e uma agulha.

²⁰ O informante ri-se ao chegar a esta parte da história.

- E, então, que é da agulha?
- Está para aí dentro da gorpelha da palha.
- Bom! Ó afilhado, a agulha trazia-se espetada na gola do casaco.
- À outra vez logo faço isso!

À outra vez foi visitar o pai, o pai deu-lhe uma tiró²¹ de arado. (Aquilo é um ferro comprido). E, então, começou com a tiró a querer espetar no casaco, mas aquilo era muito grosso e rasgou o casaco e não a deu espetada. Chegou a casa diz-lhe a madrinha:

- Então, afilhado o que é que o teu pai te deu hoje?
- Hoje deu-me uma tiró de arado, olhe, dei cabo do casaco todo, mas não a consegui espetar aqui na gola do casaco.
- Ó afilhado, isso atava-se um baracinho, trazia-se às costas.
- À outra vez logo faço isso!

À outra vez foi o pai deu-lhe um canito gostava muito do canito deu-lhe o canito. Atou um baracinho ao pescoço do cão e pôs com ele às costas e toca a andar. Veio-se embora. Chegou a casa diz-lhe a madrinha:

- Então, afilhado, o que é que o teu pai te deu hoje?
- Oh! Deu-me um canito muito bonito quer vê-lo?
- Ai, malandro! Então tu trazes o canito assim pendurado, já está morto! Isso trazias o canito de arreata e dava-se bocadinhos de pão para o canito vir.

Diz:

- À outra vez logo faço isso!

Ora, na outra vez foi lá o pai deu-lhe uma panela de manteiga, ata-lhe um baracinho à asa e toca a andar. Oh! Chegou a casa da madrinha só com a asa da panela pendurada no braço. Diz-lhe a madrinha:

- Então, afilhado, o que é que o teu pai te deu hoje?
- Ora! Pois deu-me uma panela de manteiga.
- Então, que é dela?
- Não vê? Vem aqui.

²¹ Segundo a descrição do informante, a tiró é uma peça que vai no arado de pau para lavrar a terra. É de ferro e tem 5 cm de largura, 1 cm de grossura e 50 cm de comprimento.

- Ai, o que tu fizeste! Trazes só a asa da panela aí pendurada e a manteiga já ficou toda aí por esses caminhos. Isso não se fazia coisas dessas... agora daqui para diante isto continua, mas eu não me lembro mais.

Informante: Muitas vezes eu não queria aprender, mas eles diziam isso tanta vez que eu, ficou-me isto na, na memória, nunca mais me esqueceu. Mas tenho, tenho... já me esqueceu mais de metade, eu não faço uso disto, isto não é a minha vida não é esta.

ATU 1831 A*, *Inappropriate Actions in Church/ O Tolo vai à Missa*

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Conto jocoso

Título: [O parvo e a bela açorda]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Uma vez havia um, um alentejano à beira do, do Algarve. Lá do Ameixial, lá de cima. E a mãe dizia-lhe:

- Ó filho, tens que ir à missa.

E disse:

- Ó mãe, pois ando guardando o gado, não posso ir à missa.

- Não, mas um dia tens que ir e de coiso...

A mãe lá combinou com ele, ele veio à missa. Chega ali a S. Francisco, entra para dentro da igreja, e todos metiam a mão dentro da pia para se benzerem de água benta. Ele entrou para dentro, vê eles jogarem a mão, joga a mão também. Não tinha nada lá dentro. Diz ele assim:

- Olá! Ah, já tomaram a açorda toda? Não deixaram nada para mim? Pois para a semana hei de trazer um pão, mas primeiro eu é que como e encho a barriga.

Foi para casa, disse à mãe:

- Ó mãe, olhe, quando cozer tem de fazer um pão daqueles grandes, que é para mim levar, pois fizeram uma açorda, quando eu cheguei lá só estava a água, já não

havia sopa nenhuma. E para a semana vou eu, levo um pão, mas primeiro encho eu a barriga. Você tem de fazer um pão grande.

A mãe fez um pão grande. [...] ²², ele meteu dentro dos alforges (naquele tempo usava os alforges e levavam). Abala por aí abaixo, veio logo cedo ainda aquilo, ainda a igreja ainda estava fechada. Diz ele:

- Ah, ah... então deixa... eu estou à espera!

Quando vem o padre que abria a porta da igreja. Ele entra para dentro, vai a caminho da pia, só tinha água. Diz:

- Oh, já puseram a água... pois agora eu tenho aqui, tenho a hortelã, tenho o sal, tenho o azeite e tenho os alhos! Agora vou...

Preparou aquilo tudo, jogou para dentro. Foi a caminho do pão, toca a cortar o pão e fazer a sopa. Começam a chegar e a meter a mão:

- Alto lá! Ainda não acabei!

Não deixava, não deixava eles meterem lá a mão. Diz ele assim:

- Ainda agora eu estou em meio do pão... não veem que isto é um pão grande?

Toca a fazer sopas, a fazer sopas. E, e a encher aquilo. Ora, a família vinha, iam para meter a mão, ele não deixava, quando acabou ele disse assim:

- Olha, agora vou eu encher a barriga.

Foi a caminho da sopa, encheu, encheu a barriga. Depois foi-se embora. Foi-se embora e deixou lá o resto dentro. Quando chegou à altura do, do padre dar a hóstia e coiso... calhou a vez dele, foi também. Diz ele para o padre:

- Tu só dás essa coisinha? Isso não dá para nada! Vai lá em baixo que está a pia cheia! [Risos]

(Cassete nº 6/2011/Elisabete Reis) ²³

Coletora: E naquele conto da açorda, o parvo e a açorda, lembra-se? Ele era alentejano?

Informante: Ele era de... do Ameixial.

Coletora: Do ameixial...

Informante: Que é lá por cima da serra.

Coletora: Mas ainda é Algarve, não é?

²² Na gravação, não se entende o que o informante diz.

²³ Os comentários ao conto foram gravados numa cassete diferente daquela em que está o conto propriamente dito.

Informante: Pois é Algarve...

Coletora: Então, e por que é que... há muitos parvos lá para, para a serra? Por que é que...

Informante: Não é parvos, é pessoas atrasadas, que nasceram e lá viveram todos e não têm convivência com outras famílias e lá vivem. E vêm assim inocentes. Não convivem com, com as pessoas. A família tem que conviver uns com os outros. Pois, se são vêm, vêm sozinhos, ficam...

Coletora: São meio parvos, é isso? Não sabem...

Informante: Pois... não é parvos, é inocentes... qualquer coisa que ouvem acreditam-se.

Coletora: Inocentes... e a açorda? Naquele tempo era uma comida muito...

Informante: Era a comida dos pobres.

Coletora: Como assim? Só os pobres é que a comiam?

Informante: Os pobres e os ricos, mas era a coisa mais barata.

Coletora: E de que é que era feita? Pão...

Informante: A receita era uma panela de água a ferver, dois dentes de alho, uma coisa de hortelã e sopas para dentro e toca a comer!

Coletora: Isso alimentava?

Informante: Era rápido, alimentava e engordava muito. Que era só pão e azeite.

ATU 1920 A, *“The Sea Burns”/ O Mar a Arder*

Lado B

Cassete nº2/2002/Elisabete Reis

Classificação: Conto jocoso

Título: [Os dois algarvios]

Informante: Maria do Carmo Rosa Martins

Idade: 71 anos

Naturalidade: Zambujal, freguesia de Alte, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Doméstica

Habilitações literárias: Escola primária (4ºano)

Aprendeu com o pai

Recitava-se aos serões quando contavam histórias

Decorou porque ouvia o pai contar

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Eram dois algarvios daqui do Algarve, pensaram em ir enganar os alentejanos. E depois combinaram os dois um ir à frente mentindo e o outro atrás compondo. E passaram... e fazia um grande calor e ele foi à porta de um lavrador e disse assim:

- Dê-me um copinho de água que eu trago muita sede.

Ele deu-lhe o copo de água e disse:

- De onde é que o compadre vem?

- Pois eu venho de Lisboa.

- Então, e que novidades há por lá?

- Novidades, novidades não vi nenhuma. Só que eu vi uma coisa de muita admiração. Foi um pássaro que passou por cima de Lisboa deixou Lisboa toda à sombra.

- Realmente isso é um caso de admiração.

- Vou-me já embora que a viagem é longa não me posso demorar.

E foi andando. Passou à porta de outro lavrador. Viu-o na rua, também lhe pediu um copinho de água. Diz ele assim:

- Então, de onde é que vem?

- Pois eu venho de Lisboa.

- Então, que novidades há por lá?

- Olhe, eu novidades, novidades, não vi nenhuma. Só que vi lá uma coisa de muita admiração. Vi uma criança com sete braços.

- Ah! Realmente isso é de muita admirar.

Bem, ele lá foi andando para a frente. Encontrou outro lavrador perguntou-lhe ele:

- Então, de onde é que vem?

- Pois eu venho de Lisboa.

- E que novidades há?

- Eh! Novidades não é [*sic*] nenhuma. Só o que eu achei de muita admiração foi um caçador que andava à caça, atirou um tiro, chumbou um lobo... um lobo numa pata e numa orelha. Chumbou um lobo numa pata e numa orelha.

- Ah! Realmente isso é de muita admiração.

E foi andando.

Atrás vem o camarada, atrás vem o camarada, foi pedir também um copo de água e diz ele assim:

- Então, de onde é que o senhor vem?

- Pois eu venho de Lisboa.

- Então, há de saber-me dizer uma novidade, que me contaram aqui, de um senhor, que passou aqui, que viu um pássaro por cima de Lisboa que deixou Lisboa toda à sombra.

Diz ele assim:

- Pois eu não vi o pássaro, mas vi num parque andarem sete homens com sete palancas, tirando um ovo de lá para fora.

- Realmente devia ser o ovo desse pássaro.

Foi mais adiante onde ele (o outro) tinha dito que tinha visto a criança com sete braços. E ele lá esteve fazendo a procura e diz:

- Eu a criança não a vi, mas vi no estendedor de roupa uma camisa com sete mangas. Devia ser a camisa dessa criança... pois.

Depois, foi mais adiante pediu outra vez outro copo de água, o lavrador perguntou de onde é que ele vinha.

- Pois eu venho de Lisboa.

- Então, há de me saber dizer lá uma novidade que um senhor me contou aqui há bocado. Que um caçador, que andava à caça, que chumbou um lobo numa pata e numa orelha e como é que ele podia fazer isso?

Diz ele assim:

- Ah! Mas isso fazia-se bem. Era o lobo que estava coçando com a pata na orelha quando ele tirou, tirou o tiro, pois feriu o lobo na pata e na orelha.

Depois pôs-se a fugir e disse ao outro:

- Olha lá, para lá com isso que eu já custei a juntar pé com orelha!

ATU 1920 C, *“That is a Lie!”/Uma Mentira Maior que um Padre Nosso*

Lado A

Cassete nº3/2003/Elisabete Reis

Classificação: Conto jocoso

Título: [A anedota do pai-nosso]

Informante: Joaquim Mendes Martins

Idade: 72 anos

Naturalidade: Maceira (Alte), concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Foi moleiro

Habilitações literárias: Frequentou a escola (tem a 4ª classe)

Aprendeu com os avós e os amigos

Local da recolha: Mesquita (Tôr), Concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 03/01/2003

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Havia um senhor muito rico que tinha um caseiro na herdade dele e o caseiro era um homem trabalhador. Esteve lá muitos anos, depois tiveram filhos. E o lavrador era compadre (era padrinho de um filho dele). E um dia o lavrador via que o patrão que já ia estando assim muito rico, já ia assim enriquecendo quis o mandar embora. Um dia disse para ele:

- Olhe, compadre, eu hoje venho cá para o compadre tal dia ir à minha casa e dizer uma mentira maior que a Avé Maria.

O homem ficou atrapalhado e andava muito triste o filho procurou-lhe:

- Então, pai o que é que tem? Anda tão triste.

- Ai, afilhado [queria dizer filho], o teu padrinho disse-me isto assim, assim que eu tinha que ir lá tal dia dizer uma mentira maior que a Avé Maria e eu não sei nada.

- Então, pai, deixe que eu vou! Procure o meu padrinho que eu vou no seu lugar.

E, então, o homem foi para o compadre e disse:

- Então, compadre, e se o seu afilhado vir no meu lugar?

- Pois também está bem.

E, então, o afilhado é que foi à do padrinho e diz-lhe o padrinho para ele:

- Então, afilhado! E tu sabes uma mentira maior que a Avé Maria?

- Até maior que a do Pai-nosso!

- Bem, então diz lá a mentira.

- Olhe, padrinho, uma vez eu tinha umas colmeias e fui ver as colmeias, pus-me a contar as colmeias, não dei as colmeias contadas. Depois voltei-me a contar as abelhas e achei uma abelha de menos. Bem! Dou assim uns passos e vi uma perna da abelha. Começo a espremer a perna da abelha havia mel por todos os lados. Ora, pica-me uma pulga eu apanhei a pulga e tirei a pele à pulga, enchi a pele da pulga cheia de mel. Bem, vou mais abaixo, vejo a outra perna da abelha, apanhei a perna da abelha, começo a espremer vá mais mel. Pica-me outra pulga, tirei a pele da pulga, enchi a pele da pulga de mel. Ora eram dois, eram dois coisos grandes e carreguei aquilo no cavalo. Olhe! Faltou-me quinze alqueires de mel para um quartoiro²⁴. E então carreguei tudo no cavalo e fui para casa. Cheguei a casa o cavalo com o peso do mel ia todo ferido o meu pai disse:

- Olha, sabes o que fazes? Torras umas favas e pisas e pões os pós das favas nas mataduras e vais levá-lo aí para o almargem para o campo para ele morrer para lá. E assim se fez.

Vai no fim de tempos eu passei lá aonde tinha deixado o cavalo e vejo um lindo faval já capaz de ceifar.

- Oh, que belas favas que estão aqui! Eu vou buscar a foice e vou ceifá-las.

E então fui buscar a foice e quando cheguei lá andava um porco javardo a comer as favas. Digo eu assim:

- Agora que é que eu lhe faço?

Joguei-lhe a foice de rodeio. O cabo da foice enfia-se no cu do porco. O porco com a aflição começa a andar à roda com a foice ceifava, e com as patas debulhava e com as ventas assoprava. Olhe! Faltou-me um moio... Faltaram-me sessenta alqueires de favas para um moio. Veja lá o trabalho que eu passei lá para arranjar aquilo tudo. Pronto.

²⁴ Segundo o informante 1 alqueire = 20 litros, 1 moio = 60 alqueires, 1 quartoiro = 15 alqueires.

Lado B

Cassete nº3/2003/Elisabete Reis

Classificação: Conto jocoso

Título: Francisco Belchior²⁵

Informante: Joaquim Mendes Martins

Idade: 72 anos

Naturalidade: Maceira (Alte), concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Foi moleiro

Habilitações literárias: Frequentou a escola (tem a 4ª classe)

Aprendeu com os avós e os amigos

Outros dados: O informante diz que conhece esta história há mais de 60 anos. E que este Francisco Belchior foi nascido e criado na Penina, freguesia de Alte

Local da recolha: Mesquita (Tôr), Concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 03/01/2003

Coletora: Elisabete Andrade Reis.

Transcrição:

Numa ocasião fui à feira de S. Bartolomeu vender doze porcos, quatro pretos, quatro brancos e quatro amarelos. Foi um ano que eu mais dinheiro arranjei em porcos, trinta mil réis em porcos. E passei lá à tarde pela casa dos meus parentes da Cominhada. E então bebemos lá uns bons copos e depois os meus parentes disseram:

- Fica aí, Francisco! Mais logo é de noite e não tens tempo de chegar a casa e levas o dinheiro, podem-te o roubar.

- Faço confiança no meu raiozinho²⁶ e vou-me embora.

E ainda passei pelos meus parentes da Cominhada e então vá mais uns copos, eu já ia estando bem bom! Nessa altura começaram a dizer para eu ficar porque era já de noite, mas eu fazia confiança no meu raiozinho e fui-me embora. Chego lá mais à frente, digo: ainda vou passar pela casa da minha Guerreira (era no tempo em que eu

²⁵ Segundo a indicação da Profª. Doutora Isabel Cardigos trata-se de “histórias mais ou menos autênticas, que se tecem em volta de verve de personagens castiças de uma comunidade.” É um conto atípico. Será uma adaptação na primeira pessoa de um conto tradicional ou, então, será um conto tradicionalista. Por isso não tem uma classificação ATU como os restantes contos.

²⁶ Segundo o informante, o “raiozinho” era um burro.

namorava a minha Guerreira) e então cheguei à porta e bati à porta, já se encontrava tudo deitado. Diz a minha mãe sogra assim:

- Quem está lá?

- Sou eu.

- Levanta-te, Guerreira, é o Francisco Belchior!

A minha Guerreira levantou-se e disse:

- Então entra, Francisco, e fica aí porque levas muito dinheiro e podem-te o roubar.

- Não! Eu venho simplesmente para te dar um adeus e retirar.

E nisto a conversa era tanta que eu fui um dos que partiu a conversa ao meio e peguei no meu raiozinho e fui-me embora. Chego lá mais à frente quando eu vejo dois homens, um de um lado do caminho e outro do outro digo cá para os meus botões:

- Ai, de mim que estou roubado!

Mas fazendo confiança no meu raiozinho pico esporas, quando eu pensava que estava nas alturas dos Soitos estava nas calçadas da Penina. Cheguei a casa a minha mãe tinha deixado a porta da cavalaria aberta e com a força que o raiozinho levava bati com a cabeça no *asteal*²⁷ da porta caí e fiquei como morto. A minha mãe ouviu o barulho do raiozinho correu e começa a gritar:

- Morreu o Francisco Belchior! Morreu o Francisco Belchior!

Cheiro daqui cheiro dali, mas nada disso eu consegui envivecer senão no outro dia às dez horas. No outro dia quando eu enviveci fui apalpar a algibeira do colete e a carteira não estava lá e disse cá para os meus botões:

- Ai, de mim que estou roubado!

A minha mãe diz:

- Não estás não, filho, que a carteira tirei eu!

Eu nisto quando resolvi fazer o casamento com a minha Guerreira casei. Mas depois o dinheiro evaporou, ele não é elástico. E pensei ir à ceifa do campo. E então quando eu disse que ia para a ceifa do campo mais os camaradas, a minha Guerreira começou a chorar:

- Ai, agora já não te vejo, Francisco!

Eu procurei-lhe:

- Então, para onde tu queres ir?

²⁷ Na gravação, não se entende bem a palavra.

Aí, nessa altura, eu abalei mais os camaradas e fui para a ceifa do campo. Quando cheguei à ceifa do campo eu disse cá para um dos meus camaradas:

- Ouves! Queres-me escrever uma carta que eu não sei ler?

- Pois, traz lá a carta que eu escrevo a carta. Então o que é que queres aí na carta, Francisco?

- Olha, põe aí:

Guerreira, mulher minha, como tu bem sabes!

Eu estimo que esta minha carta que vá representar enquanto bem que eu e todos os meus camaradas cá estamos felizmente. Agora manda-me dizer se a quadradinha já pariu, se o "ramendo" também puxa a pedra. Tal está o chibo da menina? E se a lebre tem medo do espantalho. E que tal estão os nossos griséus? Se as batatas nasceram bem que tal estão elas de rama? Manda-me dizer se o burro come bem a palha [raiozinho] também. E mando-te meio réis para fulano, meio réis para beltrano e meio réis para a Isabel da Rocha, mulher do Manuel Encarnado, e não te mando mais meio réis porque tenho uma nota de cinco tostões e não a quero trocar! E adeus Guerreira, mulher minha, até um dia que regresse a casa. [Risos]

Subgénero

Conto formulístico

ATU 2023, *Little Ant Marries/ A Carochinha*

Lado A

Cassete nº4/2003/Elisabete Reis

Classificação: Conto formulístico

Título: [A história da carochinha]

Informante: Maria Eduarda Lopes Palmeira

Idade: 63 anos

Naturalidade: Sítio da Asseca, concelho de Tavira, distrito de Faro

Profissão: Doméstica

Habilitações literárias: Frequentou a escola

Aprendeu com o pai

Local da recolha: Recolha feita no Sítio da Asseca, concelho de Tavira, distrito de Faro

Data da recolha: 27/01/2003

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

A carochinha foi varrer a cozinha e achou cinco réis e então a carochinha foi para a janela e viu passar o porco:

- Quem quer casar com a carochinha que é alegre e bonitinha?

- Grum, Grum, Grum.

- Ai, amigo desse não quero,

Melhor marido eu cá espero!

Passa o cão:

- Quem quer casar com a carochinha que é tão alegre e bonitinha?

- Au, au, au.

- Ai, amigo melhor eu cá espero!

- Quem quer casar com a carochinha?

Vem de lá o João ratão:

- Ii, ii, ii.

Resolveu a casar com a carochinha e a carochinha com ele. E então casaram-se, mas quando foram e antes de ir para o casamento deixaram o refogado e o banquete

feito no caldeirão ao fogo. Foram para a igreja. A carochinha pelo caminho tinha-se esquecido do leque e disse:

- Ai, meu João Ratão, carochinha sem leque que não dirão? Volta por ele, meu João Ratão!

O João Ratão voltou para trás e veio a casa buscar o leque. Quando chegou cá, mas não resistiu à tentação de ir ao caldeirão. Olha, meteu a pata, meteu a mão João Ratão caiu dentro do caldeirão. Ficou frito. [Risos]

Dáí Carochinha esteve na missa, mas de João Ratão nem leque nem nada. Chega a casa vai ao caldeirão:

Ai, meu rico João Ratão, cozido e assado no caldeirão!

Foi um desgosto, claro! Para a carochinha que João Ratão já não sentiu nada.